



As pelejas de Cego Aderaldo

Org. Rodrigo Marques

aluaeditora

LAB
SUL

Ed
UECE



LEI
PAULO
GUSTAVO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

As pelejas de cego Aderaldo [livro eletrônico] /
org. Rodrigo Marques. -- Quixadá, CE :
Aluá Editora, 2024.
PDF

ISBN 978-65-982931-2-3

1. Literatura de cordel I. Marques, Rodrigo.

24-237309

CDD-398.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura de cordel 398.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

aluáeditora



**LAB
SUL**

Edg
UECE



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



Este livro reúne as pelepas em cordel de Cego Aderaldo publicadas pelo poeta ou por outros editores entre os anos de 1916 a 1932. Dentre elas, a mais famosa contenda da história da cantoria nordestina: *A peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum* (1916), escrita por José Firmino Teixeira do Amaral, a única de autoria certa. O texto dos cordéis foram retirados do monumental livro de Rosemberg Cariry: *Cego Aderaldo: o homem, o cantador e o mito* (2017), biografia que honra a memória de Aderaldo Ferreira de Araújo, o Cego Aderaldo, que nasceu no Crato em 1878 e faleceu em 1967 na capital cearense, após ter vivido muitos anos em Quixadá e ter peregrinado por inúmeras veredas, sítios, estradas, encruzilhadas e fazendolas do Norte e Nordeste do país.

Com a rabeca ou a viola em punho, Aderaldo fez escola, admirado pela sua voz potente, seu humor e sua força, ele mesmo era a poesia, as rimas, o improviso, o palco, ainda mais quando levava aos mais distantes ermos do Brasil, onde não havia energia elétrica, as curiosas invenções do início do século XX. A primeira delas foi um gramofone, que assustava os sertanejos com o som que saía de dentro daquela “caixa mágica”, e depois, com um projetor de cinema, que iluminava a tela branca estendida em pequenos povoados sertão adentro. Certa vez, como relembra em *Eu sou o Cego Aderaldo* (1962), exibiu um filme para o bando de Lampião. Os cangaceiros assistiram atentos e devotados à *Paixão de Cristo*, enquanto o Cego narrava tin-tin por tin-tin o que se passava na tela.

Por estas e outras proezas, as pelepas aqui foram con-

cebidas como um jogo de cartas ou melhor como um baralho de Tarot. Para cada peleja, um arcano é sacado para combater com o Cego. As personagens ganharam contornos na arte digital do artista cearense Silva Barros, gravurista e capista de folhetos de cordel. O Cego Aderaldo aparece nos desenhos como o Arcano da carta não numerada, ou melhor, a número zero, o *Louco*, que caminha para o abismo acompanhado de um gato ou de um cachorro que lhe arranha as vestes. No lugar do embrulho que contém seus pertences, o Louco/Cego hasteia uma rabeca, perambulando leve e solto pelo mundo, guiado apenas pelo desejo e pelo imprevisto, nada mais adequado ao espírito aventureiro e itinerante dos nossos cantadores, que percorrem quilômetros e quilômetros para defender o seu “marco”, para angariar fama e tornar-se conhecido à medida que ganha os desafios aos quais é convocado¹.

Na sequência, Zé Pretinho do Tucum é apresentado como o Imperador, bem posto num trono sertanejo, espera o Cego Aderaldo com uma viola toda enfeitada de fitas, sendo muitas fitas que a enfeitam, representando cada uma as vitórias poéticas deste respeitável cantador, nascido na cidade de Campo Maior no Piauí. *A Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum* foi publicada pela primeira vez no Pará, na editora Guajarina, por José Firmino Teixeira do Amaral (1896-1926), que ouviu do próprio Cego os detalhes da contenda. Reeditada inúmeras vezes, nela encontramos o surpreendente trava línguas que deu vitória ao Cego Aderaldo: “Quem a paca cara compra/ Cara a paca pagará”. Claro que José Firmino acrescentou versos próprios, floreou e ajeitou a cantoria para caber no folheto, pois se esta luta ficou famosa deve-se, em boa parte, ao talento do cordelista. A leitora e o leitor de hoje certamente se assustarão com as ofensas capacitistas e racistas presentes neste e noutros desafios aqui reunidos. As ofensas mútuas exibem a violência e o preconceito enraiza-

dos na cultura brasileira. Neste sentido, o presente livro é um registro sem maquiagem e sem idealização da nossa poesia popular, uma oportunidade para refletirmos sobre as relações de poder e dominação que a linguagem artística pode encenar.

A próxima peleja, *A Peleja de Cego Aderaldo com José Francalino*, traz o adversário José Francalino como a carta do Dependurado do Tarot, e ao invés da macabra força que figura na carta original, um Francalino bem trajado, circunspeto, de paletó e gravata, se pendura pra lá e pra cá num balanço infantil pendurado num galho, ponteando a viola a matutar os versos de vingança que irá proferir contra o Cego. Em *Vaqueiros e Cantadores*, diz Câmara Cascudo: “A luta do cego Aderaldo com José Franco, chamado também Francalino, travou-se na Fazenda “Tombador” e já faz parte do repertório dos cantadores. Aderaldo mandou-a imprimir. Os dois improvisadores bateram-se longamente em sextilhas, as colcheias ou seis-pés usuais, mas preferiram a “parcela de dez-linhas”, ou “carritilha”, para os “melhores golpes”².

Anota ainda um dos filhos de Aderaldo: “José Francalino nasceu no Rio Grande do Norte. Contam que, saindo de sua terra para vingar igualmente a surra de Zé Pretinho, foi encontrar Aderaldo no Distrito de Zombador, no Município de Quixadá, em 1922. Cantaram de igual para igual durante toda uma noite, não se conhecendo o vencedor naquela refrega”³.

Aliás, outra carta é igualmente um lance de vingança em honra a Zé Pretinho. Falo da peleja de Cego Aderaldo com Jaca Mole. Para tanto, o sétimo arcano do Tarot, o *Carro de Guerra*, foi convertido numa carroça guiado por um vendedor de jaca que esquece as rédeas ao léu, uma vez que suas mãos se ocupam, no desenho de Silva Barros, a dedilhar a viola, enquanto os burros seguem o rumo sem dono para puxá-los. “Não se sabe exatamente o seu nome de batismo. Primo de Zé Pretinho, nasceu no Piauí, onde ficou

conhecido por Jaca Mole, em virtude de ter sido anteriormente verdureiro, vendedor de jaca. Começou a cantar aos 15 anos de idade. Esse cantador defrontou-se com Aderaldo, no Piauí, em 1917, com a pretensão de vingar a “surra” que este havia dado em seu primo, Zé pretinho, no ano anterior. Essa peleja – que resultou outra vez em vitória do cantador cearense – teve certa repercussão em todo o país”⁴.

Outro desafiante mordaz foi Joca de Menezes que procurou e ameaçou o Cego Aderaldo em várias ribeiras até por fim encontrá-lo em sua própria casa, uma vez que Aderaldo, instigado pelos recados deixados por Joca em Aracati e em outros povoados, antecipou-lhe uma visita no terreiro do fa-lastrão. Sob os auspícios de um tal de Jesuíno (apologista de Cantoria), se deu a peleja estrepitosa que versou sobre diversos temas. Os cordéis de peleja têm a peculiaridade de nomear o dono da casa que está promovendo a cantoria, uma vez que este é elemento imprescindível para o sistema de relações intersubjetivas da Cantoria, como teoriza a professora Elba Braga Ramalho no seu livro *Cantoria Nordestina: música e palavra*⁵.

Seguindo o roteiro de arengas e disputas, o próximo perrengue se dará em Alagoas com uma cantadeira de alcunha Felícia Cobra. Ela vem no baralho com as vestes da Imperatriz, à altura de como vem descrita no cordel:

Ela vinha tão cheirosa
E perfumada demais,
Um lindo colar de ouro
C’oretrato de São Brás,
Com o cabelo à bendengó,
De lado um “pega-rapaz”.

Um outro cordão de ouro
Com uma cruz de marfim,

Um diadema no peito,
De uma beleza sem fim.
Seu sapato afivelado,
Cada fivela um peixim.

Admirou, o salão,
O traje desta mulata,
Ela vinha bonitíssima,
De uma maneira que mata,
No “lobo” de cada orelha,
Tinha um pingente de prata.

A cantoria nordestina viu surgir cantadeiras famosas, mulheres que dominavam o ofício do improvisado na poesia cantada. *Os cordéis de peleja*, muitas vezes, constituem o único registro da vida destas cantadeiras, invisibilizadas nas principais antologias de cantoria e cordel do país. Elas empatam ou vencem pelejas as mais difíceis, nas quais se podem anotar o peso da misoginia e do machismo em versos virulentos destinados a derrotá-las. Conhecida é a história de Chica Barrosa, uma ex-escravizada que comprou sua alforria com o dinheiro conquistado nos desafios⁶. Sem os cordéis, o nome desta poeta estaria no total esquecimento, bem como o de Felícia Cobra, que duelou de igual para igual com Cego Aderaldo. Sobre ela sabemos que “Felícia Maria da Silva nasceu em Palmeira dos Índios, no estado de Alagoas, em 1870. Referindo-se à peleja que teve com Aderaldo, assim registrou o folclorista Osvaldo de Aguiar em substanciosa crônica: “No Estado de Alagoas, em 1925, se lhe deparou a Felícia Cobra, cantadora tão perigosa qual jararaca. No curso do desafio, Aderaldo, que então não usava bigode, por engano, pegou-lhe o copo para beber um gole d’água. Fula de raiva, a petulante violeira sertaneja arrebatou-lhe das mãos, dando início à peleja à queima-roupa”⁷.

Na mesma pisada, em 1932, Cego Aderaldo enfrenta um menino de 8 anos. No nosso baralho, o menino é o 19º arcano do Tarot, ou seja, a carta O Sol, que traz em sua estampa, segundo o Tarot de Marselha, duas crianças com o Astro Rei ao fundo. Na imaginação de Silva Barros, apenas uma criança surge em primeiro plano, descalça, de bernal e roupa listrada. Montada em uma burrinha, o menino levanta as mãos com entusiasmo e acena com um chapéu de vaqueiro num gesto de alegria e satisfação. Ao fundo, vê-se o desenho de um Sol radiante, homenagem ao artista pernambucano J. Borges, de Bezerras, grande gravurista nordestino de inconfundível traço.

O cordel desta peleja é um dos mais divertidos e curiosos. Aderaldo iguala seu estro de velho cantador ao da criança, a fim de travar uma conversa franca e respeitosa com aquele menino que, instigado pelo pai a mostrar sua inteligência, empenha-se a responder com esmero seu parceiro de improvisos. Segundo Rosemberg Cariry: “o menino chamava-se Francisco Flor, nascido em Mossoró, Rio Grande do Norte, em 1924. Aderaldo, apesar de o ter procurado por várias regiões, para outras cantorias, nunca mais voltou a encontrá-lo”⁸.

Impossível não lembrar que Aderaldo Ferreira de Araújo adotou muitas crianças, tirando da miséria órfãos e desvalidos, alguns aprenderam a arte musical como seu filho Mário, que se tornou seu companheiro de apresentações. Mas dentre os filhos adotivos, um possui uma história bem peculiar: vindo da Amazônia, o menino era um indígena que em Quixadá recebeu o nome de Antônio Índio e que se tornou um exímio violinista: “Um dos filhos dele era um índio do Amazonas. Essa história é exata. Ele disse que estava lá em Manaus, aí já vinha embora, já estava pegando o navio e tinha um menino lá, muito irreverente, dando trabalho e o sujeito o subjugando e tal. Aí ele chegou, ouviu a conversa e disse: *Quem é essa criança?* O homem disse: *Isso é um índio, eu vou botar ele*

é dentro d'água, que esse menino não tem quem aguente. E seu Aderaldo disse: *Então me dê pra eu levar.* Aí trouxe o menino” – este depoimento foi dado pelo memorialista João Eudes Cavalcante da Costa ao cineasta Rosemberg Cariry em 2011⁹.

Além de ter adotado Antônio Índio, Cego Aderaldo realizou inúmeras pelejas na região, e é justamente o último dos desafios que se publica aqui e do qual nos deteremos um pouco mais. *A Peleja de Cego Aderaldo com o Índio Azuplim* traz a carta do personagem *Mago*, todavia com instrumentos de percussão pendurados por todo o corpo e uma viola em riste, a exhibir os apetrechos da primeira carta do Tarot reinterpretados por Silva Barros como instrumentos de canto e magia. O cordel é muito rico em aspectos culturais e linguísticos, um colorido ensaio sobre as múltiplas identidades do povo brasileiro, atravessadas por imenso desconhecimento da cultura dos povos originários do território. Sobre Azuplim sabe-se que “nasceu no estado do Pará, pertencido à tribo Caxinauá. Seu nome era Cânciao, tendo aprendido a cantar com os violeiros nordestinos que emigraram para o Pará em consequência das secas no Ceará. Para as suas cantorias, usava instrumentos típicos da região paraense, como sejam: ganzá, viola e tamborim. Uma das características que o levaram à fama de violeiro era a maneira de cantar gemendo, que ainda hoje é adotada pelos profissionais da viola sob a denominação de ‘gemedeira’”¹⁰.

Publicado em Bragança, no Pará, em 1919, o folheto reporta aos tempos do intenso fluxo de nordestinos ao Norte do país durante o ciclo de exploração da borracha. Muitos cantadores nordestinos fizeram o circuito de cantorias no Pará, no Acre e no Amazonas, atendendo à colônia de nordestinos que se estabeleceram por lá. Patativa do Assaré e Cego Aderaldo estão entre os que se aventuraram na Floresta, viajando a vapor, de balsa ou por outros meios de transporte nos afluentes dos grandes rios amazônicos para fazer

cantoria, deslizando pelo Madeira ou pelo Guajará. Foi numa dessas cantorias no Norte que Aderaldo enfrentou Azuplim¹¹.

Se Azuplim existiu ou não, se a peleja se passou de fato ou se compõe mais um episódio dos mitos de nossa cantoria, a dúvida emerge da própria recepção histórica do repente nordestino que necessariamente atravessa o terreno da ficção, demarcado principalmente pelos “Cordéis de Peleja”. *A Peleja com o índio Azuplim* é bem representativa das possibilidades que uma suspensão bem coordenada do expediente historiográfico e ficcional pode aferir no estudo dos torneios poéticos e das biografias destes sujeitos, constituindo-se, aquela suspensão, um método original e mais adequado ao objeto. Os poucos traços biográficos de Azuplim desenharam a apropriação cultural que a região paraense de Bragança assimilou com a chegada dos migrantes nordestinos. O índio da tribo Caxinauá, etnia mais presente no estado do Acre, outro território apinhado de cearenses, aprendeu as artes da cantoria com os nordestinos, acrescentando recursos próprios, desde a instrumentação do canto (Azuplim usava ganzá e tamborim) até a escolha temática, ou mesmo a opção pelo modo poemático da “gemedeira”, caracterizado por interjeições expressivas de dor plangente ao fim da estrofe. O cantador Caxinauá é apresentado assim:

O dono do botequim
Veio a mim e perguntou:
- Cego, de onde tu és?
Me diga se é cantador.
Me diga se não tens medo
De Azuplim trovador.

Eu perguntei: - Meu senhor!
Será algum rio-grandense

Ou mesmo um paraibano,
Ou um cantor cearense?
Ele disse: Não senhor,
É um cantor paraense.

Quando findei a palavra
Vi o paraense chegar,
Ele trazia consigo
Uma viola e um ganzá,
E trazia um tamborim,
Que é instrumento de lá.

Ele afinou a viola,
Quando bateu no ganzá,
Deu um tom no tamborim
Para o baião entoar,
Eu tirei a rabequinha
E fiz a prima chorar.

O trecho mostra exatamente os marcos geográficos da cantoria até os atos preparativos da peleja, com a visualização face a face dos oponentes e a afinação dos instrumentos. Será a primeira vez que Cego Aderaldo, experiente cantador, enfrentará um repentista fora do Nordeste, pois na sua resposta ao dono do botequim não considera que Azuplim possa ser natural do Pará: “Será algum rio-grandense, um paraibano, um cearense?”. Vencer Azuplim, mais do que descer de batelão os rios da Amazônia ou se enveredar nas trilhas sombreadas da Floresta, significava tomar posse de um território virgem no “mapa da cantoria”. Para tanto, há de se considerar que Aderaldo possuía sólida formação como cantador, seu cabedal literário e sua experiência lhe capacitavam para enfrentar temas difíceis. Geralmente, a “sabença” do cantador operava

no conteúdo de uma boa gramática, de um dicionário, de uma história sagrada, do Novo e do Velho Testamento, de um livro de geografia, de um caderno de adivinhações, perguntas e respostas, e de um manual sobre anatomia humana, como vimos na peleja com Joca de Menezes. O cantador Ugolino Nunes, por exemplo, decorou da capa à quarta-capa o Novo e o Velho Testamento, o Dicionário da Fábula, o Manual Enciclopédico, História do Imperador Carlos Magno e a Missão abreviada; seu irmão Nicanor, segundo ainda Mário de Andrade, conhecia a fundo Mitologia e a História Sagrada. Patativa do Assaré sabia de cor Camões, Gonçalves Dias e Castro Alves. Na biblioteca de Cego Aderaldo encontravam-se os seguintes títulos: *Bíblia Sagrada*, *A História do Rei Artur e dos Doze Pares de França*, *Flos Sanctorum*, *A Crônica do Imperador Clarimundo*, *A Divina Comédia*, *O Lunário Perpétuo*, *A Vida de Joana D'Arc*, *Os Reis de Roma*, *As Missões Abreviadas*, *O Almanaque do Pensamento*, *A Imitação de Cristo*, *Espumas Flutuantes* e *Iracema*.

Na peleja com Azuplim, o cantador-indígena conduz sagazmente o Cego para o “mapa” da tribo Caxinauá, ameaçando dar uma “pisa” em Aderaldo no terreiro amazônico, testando se a “sabença” do cearense chegava ao conhecimento das Línguas do tronco Tupi. Nesta guerra, Azuplim atirava uma palavra e pedia a tradução “para a língua do Cego”:

A - Ou que gema ou que não gema,
A boa palavra encerra,
Cego, cante aqui mais eu,
Que eu vim lhe fazer guerra,
Quero que você me diga, ai, ai!
A linguagem da minha terra.

C - A linguagem da tua terra,
Não é linguagem mesquinha,

É toda no guarani
Estudada, é bonitinha!
Por que não me perguntaste
A língua da terra minha?

A - Quero que diga é da minha
Por que muda de figura.
Cego, diga para mim
O que nós chama mucura,
Quero que você me diga, ai, ai!
O que é a saracura.

C - É verdade, essa linguagem
Muda mesmo de figura,
O que nós chama cassaco
Vocês só chamam mucura
E à nossa sericóia
Vocês chamam saracura.

A - Cego, diga para mim:
O que é jamaru.
Queira Deus você me diga
O que é jacuraru,
O que é macuracá, ai, ai!
E o que chamamos jambu.

C - O que chamamos cabeça,
Vocês chamam jamaru.
O que chamamos de tejo
Vocês, de jacuraru,
Tipi é mucuracá
E agrião chamam jambu.

E continuam em mais estrofes nesta disputa linguística e territorial. “A linguagem da minha terra”, “A linguagem da tua terra”. A plateia mantém-se atenta ao desempenho dos dois litigantes na mesma medida, uma vez que a verificação da resposta exigia de Azuplim igual competência bilíngue. O fato é que o estranhamento dentro da própria nação sempre foi palco de disputas, mas o encontro dos poetas não está no mesmo patamar do encontro do português colonizador com o índio, ou do Estado brasileiro com as minorias, a disputa é por um território simbólico. Na própria resposta que dá a Azuplim, Aderaldo traduz do Tupi para o Tupi: “mucura” responde como “sericoia” e, em outra estrofe, “mucuracá” como “tipi”, ambas, segundo o dicionário Aurélio, palavras Tupi. Quanto à forma do poema, a “gemedeira”, marcada pela interjeição de dor, “ai, ai”, muitas vezes usada no Nordeste, ganhava orquestração própria pelo caxinauá, a adaptar magistralmente a matriz. Já o Cego permanecia na sextilha, estrofe a mais comum no Nordeste, embora soubesse “gemer” caso precisasse. O torneio poético desta peleja delineia um embate de culturas diferentes numa mesma nação, mas em territórios simbólicos diferentes, intermediada diplomaticamente por códigos poéticos que, senão projetam uma unidade nacional, permitem uma convivência tensa, mas pacífica.

Aderaldo desembaraça com desenvoltura as armadilhas linguísticas do índio, uma a uma, mas o combatente é forte e não desiste, mudando de estratégia ao perceber que, pelas “gírias de índio”, não lograria êxito:

A - Agora o cego Aderaldo
Me respondeu muito bem,
Vi que nas gírias dos índios,
Ele segue mais além,
Pelo jeito que estou vendo,

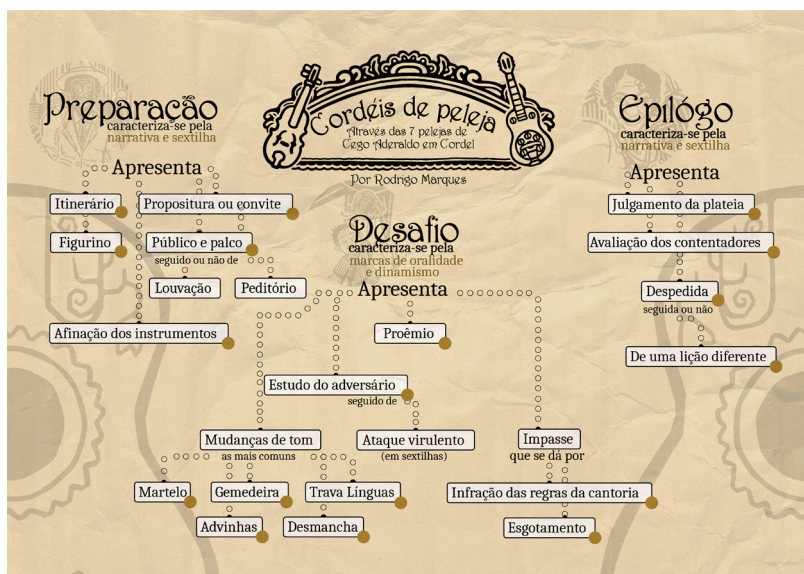
Você é índio também.

C - Meu amigo eu não sou índio,
Nasci num pobre lugar:
Que tão propenso à seca
Que obriga a gente a imigrar,
Sol danado de Iracema,
Terra de Zé de Alencar.

Diante da performance vernacular, Azuplim conclui que o Cego também era índio. A resposta de Aderaldo Ferreira não poderia ser mais estranha: não se identificava como índio, mas vinha da Terra de Iracema. Como se trata de territórios simbólicos, não necessariamente há uma correspondência com a geografia real do país, pelo contrário, a realidade é transfigurada, restando uma zona fronteira entre a cartografia oficial e uma cartografia imaginada ou um devir entre uma e outra. Tanto o Cego quanto o índio Azuplim disputavam o domínio de um território onde a Amazônia e o Ceará se *desterritorializam* no “mapa da cantoria” em uma ordem epistemológica que não se orienta por conceitos como “unidade nacional”, “nacionalismo”, “poder estatal”, “limites regionais”, “fronteiras administrativas”, “circunscrição judicial” nem mesmo por “regionalismos”, “regiões” e “identidades regionais”. O fim da disputa entre Azuplim e Cego Aderaldo termina numa rodada de cerveja, com os dois cantadores apaziguados, felizes com um empate que, se não assinalava mais uma vitória ao território de cada um, somava aos seus mapas mais uma disputa.

Por tudo isto, o *cordel de peleja* é um gênero específico dos folhetos de cordel, com características próprias que o qualifica como fonte biográfica dos cantadores e fonte escrita das cantorias nordestinas, de referência geográfica das

pelejas, de repositório dos “marcos” e fronteiras simbólicas que perpassam a história de nossa poesia oral. como gênero literário, o *cordel de peleja* apresenta as seguintes seções, ora bem demarcadas, ora não tão bem definidas: 1) o intróito que mapeia o histórico do cantador protagonista; 2) o encontro com o adversário, primeiras impressões; 3) as considerações iniciais de cada um; 4) a condução de temas e gêneros da cantoria segundo a expertise dos debatedores; 5) o clímax, e, por fim, o desfecho que tanto pode ser uma “pisa”, como na peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, ou um empate. O gráfico a seguir sintetiza as etapas dos folhetos de peleja:



Quem quiser estudar o gráfico a seguir com exemplos retirados deste livro, basta consultar o Qr-code a seguir, que levará a um mapa mental com todo o exemplário informativo de um cordel de peleja.



O livro ainda traz um poema biográfico intitulado A Saga de Cego Aderaldo, escrito por mim para a Aluá editora em comemoração ao equipamento cultural sediado em Quixadá, bem na Praça José de Barros, a Casa de Saberes Cego Aderaldo, logo após o período pandêmico da Covid-19. O cordel traça em versos a vida do poeta, como se fosse o próprio cantador narrando suas proezas e preseçadas. Gostaria ainda de mencionar que o presente livro é resultado de pesquisa do Laboratório de Formação em Cultura Popular Nordestina e Ibérica, da Universidade Estadual do Ceará, campus FECLESC, Quixadá, responsável por atividades de extensão, ensino e pesquisa, coordenado por mim e com a contribuição das professoras Kadma Marques e Cleide Amorim, além da bolsista de graduação Juliana Cunha, Clara Uchoa, Carlos Wagner, Francisca Oliveira e Francisco Santiago.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram para a realização deste projeto, financiando parte de sua produção. Agradeço a Fernando Cezar de Macedo Mota, Thiago Paulino do Nascimento, Antônio Rosemberg Moura, mais conhecido por Rosemberg Cariri, grande inspiração para esse livro, Luiz Carlos Silva, Mateus Felipe, Marcelo Gonçalves, Clébio Viriato e Joselina Martins.

Boa leitura!



¹ Sobre o tema “Marco” nas cantorias nordestinas, indicamos o livro Cantos de Guerra: Cantadores Negros e as Disputas em Torno do Gênero do Marco (1870 – 1930) (Alameda, 2020), de Paulo Iumatti.

² CASCUDO, Câmara. Vaqueiros e Cantadores. São Paulo: Global, 2005, p. 298.

³ CARIRY, Rosemberg. Cego Aderaldo: o homem, o poeta e o mito. Fortaleza, Interarte, 2017, p. 720.

⁴ CARIRY, Rosemberg. Op. Cit.. p. 721.

⁵ “Observando as mais variadas apresentações de Cantadores nas feiras, nas comemorações familiares dos sítios e fazendas da zona rural, nos bares, nas bodegas de periferia e nos clubes das cidades sertanejas, nos teatros das capitais, interessou-nos, particularmente, compreender e interpretar o processo de comunicação social que ocorre na Cantoria como sistema de relações intersubjetivas – cujos componentes são **Cantadores, Apologistas e Público** – exposto às influências de elementos que lhe são externos” (RAMALHO, Elba Braga. Cantoria Nordestina: música e palavra. São Paulo, Terceira Margem, 2000, pp. 18 e 19).

⁶ Sobre Chica Barrosa ver o cordel de peleja “Desafio de Neco Martins com Xica Barrosa” in MARTINS, Neco. Neco Martins: introdução e seleção de Gilmar de Carvalho. São Paulo, Hedra, 2002. Sobre a presença feminina na poesia popular, consultar a tese de doutorado de Francisca Pereira dos Santos intitulada Novas Cartografias no Cordel e na Cantoria: desterritorialização de gênero nas poéticas das vozes (2009).

⁷ CARIRY, Rosemberg. Op. Cit.. p. 721.

⁸ CARIRY, Rosemberg. Op. Cit.. p. 721.

⁹ CARIRY, Rosemberg. Op. Cit.. p. 281.

¹⁰ CARIRY, Rosemberg. Op. Cit.. p. 721.

¹¹ Sobre o ciclo de cantoria no Norte do país ver SALLES, Vicente. Repente & Cordel. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1985.



CEGO ADERALDO



por Rodrigo Marques

Eu venho de muito longe
Muitos janeiros passei.
Na rua Pedra Lavada,
Os primeiros passos dei,
Naquela rua do Crato
Quando nasci me soltei.

Pois eu sou o Cego Aderaldo,
Cantador de muita fama,
Em toda parte que canto,
O público inteiro aclama:
“Cego danado de bom!”
Assim o povo me chama.

Minha mãe era Maria
Meu velho era Seu Rufino,
Foram ter em Quixadá,
Eu ainda muito menino,
Naquela casinha pobre
Vi traçado meu destino.

Com pouco mais de dois anos,
Pai sofreu uma congestão.
Tarde da noite chovia,
Comeu batata e feijão,
Seu Rufino ficou surdo
E mudo na escuridão.

Eu tentei tudo na vida,
Queria logo ser homem.
Pra ajudar minha família
Só não capei lobisomem.
Fui trabalhar num hotel,
Sem comer o que eles comem.

E numa forja de ferro,
Me acolheu com simpatia,
O meu mestre Antonio Henrique,
Mas um mal me pressentia,
Morreu meu mano Raimundo
E o outro ao Norte seguia.

Às vezes eu quero crer,
Que desgraça dá em cacho,
Meu pai morreu no mesmo ano
Que da vista perdi o facho,
Triste dia aquele dia,
Fiquei no fundo do tacho...

Me queixo dum copo d'água...
Que mal água pode fazer?
Na casa defronte a nossa,
Eu pedi água de beber,
Senti uma dor horrível
Quando olhei não pude ver...

Meus olhos ficaram turvos,
Senti neles mil espinhos,
Cacto ou mandacaru,
Me cutucavam sozinhos,
O mundo foi se afastando,
Escondendo seus caminhos...

Eu cego, pobre e faminto,
Minha mãe me consolava,
Nosso Senhor Jesus Cristo,
Era por quem mais rezava,
“Francisco de Canindé!”,
Pelo santo eu implorava.

Um caminho ou uma vereda
Implorando eu lhe pedia,
E numa noite de sonho
Me surgiu uma profecia,
Sonhei cantando estes versos
Que' ora faço em cantoria:

“Oh! Santo de Canindé!
Que Deus te deu cinco chagas,
Fazei com que este povo
Para mim faça as pagas;
Uma sucedendo às outras
Como o mar soltando vagas!

Não sei se ainda acordei,
Se acordei, vivo sonhando,
Esses versos na cabeça
Ficaram nela bolando,
Desde esta noite eu não paro,
Passo o dia inteiro cantando!”

“Querem que o ceguinho cante?”
Fui por aí a perguntar,
Alguns diziam: “É um cego
Se aproxime e se agradar...
Feijão, arroz e farinha,
Sempre tem o que arranjar”.

Deram-me um dia um carneiro,
Fiquei assim fascinado:
“Minha mãe ficará alegre
Quando ganhar este agrado”
Empurrei a porta da casa
Mas fiquei desconfiado:

Minha mãe não respondia,
Senti que estava doente,
Se a nossa mãe adocece
Arrepi a alma da gente,
Quando fui sair de casa,
Suspirou na minha frente...

Canto sempre co’ alegria
Pra ver o povo entretido
Mas naquela hora cantei
Com o fôlego sofrido
Para uma gente malvada
Meu canto soou ferido:

“Oh! Meu Deus, do alto céu,
Lá da celeste cidade,
Ouça-me cantar à força
Devido à necessidade,
Aqui chorando e cantando
E mamãe na eternidade...

Perdoe, minha Mãe querida,
Não é por minha vontade:
São as torturas da vida
Que vêm com tanta maldade,
Chorarei meus sentimentos
De vê-la na Eternidade!”

Estava só neste mundo,
Senti o mundo me chamar,
Escolhi o rumo da vida,
Não havia como eu errar,
“E de que lado é o nascente?”
Perguntei por perguntar.

De lá pra cá meu pé andou
A rota inteira do mapa,
Foi aí que na cantoria
Eu dei minha cara à tapa,
Descoberto pelo mundo,
Minha viola sem capa...

Eu fiz mil e uma pelezas,
Mil e uma vezes cantei,
Se preciso canto mais
No marco que não marquei.
No meu canto, ninguém mexe
Quando eu canto é porque sei.

Passei por Baturité
Subi quatro chapadões,
Fui cantor de três noites,
Embrenhado nos sertões
Cariri, Cachorra Magra,
Alcansei Três-Corações.

E de Ubajara a Viçosa,
De lá fui a Pedro II,
No outro dia, Pimenteira,
Esbarrei lá com Camundo,
Eu fui chegando em Vazinha,
Onde o buraco é mais fundo.

Arranchado numa casa
Foram logo me dizendo
Por um tal de Zé Pretinho,
Um cantador que só vendo,
Pois ele cantava muito
Até ópera, querendo!

E fiquei logo sabendo
Mas quiseram saber mais
Perguntaram se eu sabia
Pelejar como quem faz,
Disse que pouco tocava
Não era nada demais.

Num instante estava armada
A mais alta cantoria,
No arrastar dos tamboretas
Frufruf de saias havia,
Pela conversa dos homens
A casa inteira fervia!

“Ele tirou a viola
De um saco novo de chita
E cuja viola estava
Toda enfeitada de fita.
Ouvi as moças dizendo:
– Grande viola bonita!

Então, para me sentar
Botaram um pobre caixão
Já velho, desmantelado,
Desses que vem com sabão;
Eu sentei, ele envergou
E me deu um beliscão...

Eu tirei a rabequinha
Dum pobre saco de meia,
Um pouco desconfiado,
Por estar na terra alheia.
Ouvi as moças dizendo:
Meu Deus, que rabeca feia!”

O final desta peleja
Espalhou-se ao Deus dará,
Luiz Gonzaga cantou,
Firmino pôs no lugar:
Quem a paca cara compra
Paca cara pagará.

Quando voltei de Belém,
A seca havia passado,
Fui ficando em Quixadá,
Era bonito o roçado,
Mas quis ir a Juazeiro,
Do Padim abençoado.

Consegui com Seu Botelho
Carta de apresentação,
Ao chegar a Juazeiro,
Foi grande a recepção,
Querendo falar com o Padre
Era grande a multidão.

Bem dizer ainda sinto,
O cheiro da sua batina,
O cheiro de vela benta
Que me tomou pela crina
O abraço que ele me deu
Trago na minha retina.

À ordem do meu padrinho
“Vou colher algumas flores...
Fazer minhas poesias
Cheias de grandes louvores
Saudando, primeiramente,
A Santa Virgem das Dores.

O Nome do Santo Padre
Anda pelo mundo inteiro,
A cidade está crescendo
Com este povo romeiro,
Devido às grandes virtudes
Do santo de Juazeiro.

Nossa Senhora das Dores
É que nos dá proteção,
Ordena ao nosso bom Padre,
E ele cumpre a Missão,
Ensinando a todo mundo
O ponto da salvação.

Deixo aqui no Juazeiro
Todos os sentidos meus
Juntamente ao meu padrinho
Que me limpou com os seus,
Vou correr por este mundo
Levando a benção de Deus.”

Mas no ano de trinta e um,
Resolvi parar um pouco
Era tanta cantoria,
Já ia ficando rouco,
Me veio vindo uma ideia
Achavam que eu era louco.

Encomendei um gramofone
Gastei ao todo cem mil réis
E o dinheiro que gastei,
Multipliquei vezes dez,
Era uma máquina assombrosa,
Assustava os coronéis.

Fazendas, cidades, vilas,
Mal raiava a madrugada,
O gramofone era um bicho,
O assunto da matutada:
“Tem é gente dentro dele
Isto é pura marmelada”.

Agora, narro um assunto
Que é mesmo de arrepiar
Quando estive no Apodi,
Tem meu guia a testemunhar,
Apareceu o Coisaruiim
Num gosto nem de lembrar.

A noite nos alcançou
Bem no interior do mato,
Ali não se via casa
Só se via carrapato,
E o Diabo nos rondava
Nos assombrando de fato!

Meu guia achou uma casa
Pra valência do ceguinho,
Mas não podemos dormir
Com um gemido no caminho
Vinha de longe berrando
Tocava junto um sininho.

Enchi de coragem o peito
Pondo à prova minha fé
Na direção do gemido,
Avançando, pé em pé,
“Seu Aderaldo, é um cabrito!”
Falou arrotando o café!

O demo tem muitos nomes,
E troca de parecer,
O bode, o porco, o morcego
São as faces do seu ser,
Pé-preto, capeta, futrico,
São nomes do Mal-dizer.

O mundo dá muita volta
E o melhor está por vir
Se você acha que acabou,
Se ajeite para assistir,
Este Cego é meio mágico,
Eu não gosto de exhibir.

Fui exibidor de cinema,
Hoje aqui, amanhã acolá...
Me valia de dois burros
Ligeiros feito um preá,
Em menos de um ano e meio
Andei todo o Ceará.

Ganhei por merecimento
Uma velha maquineta,
Daquelas que roda um filme
No girar da borboleta.
O filme parava ou ia
Segundo minha veneta.

Sentado numa banquetta,
Eu narrava o exibido,
Cristo subindo o calvário
Era o filme preferido,
Diziam: “Ou o cego enxerga
Ou então ele é muito enxerido!”

Certa vez em Pernambuco
Me livreí de uma arenga,
A um bando de cangaceiros,
Arrumei a estrovenga
João 22 ordenou:
- Não gosto de lenga-lenga!

O filme, “A Paixão de Cristo”,
Os cangaceiros calados,
João 22, inquieto,
Surgiram o Cristo e os soldados,
E o cabra logo atirou
Nos verdugos desgraçados.

Porém os burros morreram
Os filmes viraram pó,
Incendiaram-se as telas,
Formigas roeram o nó,
Só me restou a viola,
Que nunca me deixa só.

Vou deixando este cordel,
Que mais parece um artigo,
Este cordel não é bom
Na voz do mestre Rodrigo,
Homem tem que ter voz grave,
Deixe a história comigo!





Apreciem meus leitores
Uma forte discussão
Que tive com Zé Pretinho,
Um cantador do sertão,
O qual no tanger do verso
Vencia qualquer questão.

Um dia determinei,
Ao sair do Quixadá,
Uma das belas cidades
Do Estado do Ceará,
Fui até o Piauí
Ver os cantores de lá.

Hospedei-me em Pimenteira,
Depois em Alagoinha,
Cantei no Campo Maior,
No Angico e na Baixinha;
De lá tive um convite
Para cantar na Varzinha.

Quando cheguei na Varzinha
Foi de manhã, bem cedinho,
Então o dono da casa
Me perguntou sem carinho:
– Cego você não tem medo
Da fama de Zé Pretinho?

Eu lhe disse: – Não senhor.
Mas da verdade eu não zombo,
Mande chamar este preto
Que eu quero dar-lhe um tombo.
Ele vindo, um de nós dois
Hoje há de arder o lombo.

O dono da casa disse:
– Zé Preto, pelo comum,
Dá em dez ou vinte cegos
Quanto mais sendo só um
Mandou lá no Tucumeiro
Chamar José do Tucum.

Chamou um dos filhos e disse:
– Meu filhinho você vá
E diga a José Pretinho
Que desculpe eu não ir lá
E ele, como sem falta,
De noite venha por cá.

Em casa do tal Pretinho
Foi chegando o portador.
Foi dizendo: – Lá em casa
Tem um cego cantador,
E meu pai manda dizer
Que vá tirar-lhe o calor.

Zé Pretinho respondeu:
– Bom amigo é quem avisa.
Menino diga ao tal cego
Que vá tirando a camisa.
E mande benzer o lombo
Que eu vou lhe dar uma pisa!

Todos zombavam de mim.
Eu ainda não sabia
Que o tal José Pretinho
Vinha para a cantoria.
Às cinco horas da tarde
Chegou com cavalaria.

O Preto vinha na frente
Todo trajado de branco,
Seu cavalo encapotado
Tinha um passo muito franco,
Riscaram de uma só vez
Todos no primeiro arranco.

Chegaram naquela casa
Todos com muita alegria.
O velho dono da casa
Folgava alegre e sorria
Vou dar o nome do povo
Que veio pra cantoria.

Vieram: o capitão Duda,
Tonheiro e Pedro Galvão;
Augusto, Antão Ferreira,
Francisco Manuel Simão,
Sr. José Carpinteiro,
Francisco e Pedro Aragão;

O José da Cabaceira
E seu Manuel Casado;
Chico Lopes, Pedro Rosa
E Manuel Bronzeado.
Antônio Lopes de Aquino
E um tal de Pé Furado;

José Antônio de Andrade,
Samuel e Jeremias,
Sr. Manuel Tomás,
Manduca, João de Ananias,
E veio um vigário velho,
Cura de três freguesias.

Foi dona Meridiana,
Do Grêmio das professoras,
Esta levou duas filhas
Bonitas e encantadoras.
Essas eram da igreja
As mais exímias cantoras.

Foi também Pedro Martins,
Alfredo e José Raimundo,
Sr. Francisco Palmeira,
João Sampaio Segundo
E um grupo de rapazes
do batalhão vagabundo.

O negro foi para a sala
E depois para a cozinha
Lhe ofertaram um jantar
De doce, queijo e galinha
Para mim veio um café
Com u'a magra bolachinha.

Depois trouxeram o negro
Colocaram no salão,
Assentado num sofá,
Com a viola na mão,
Junto a uma escarradeira
Para não cuspir no chão.

Ele tirou a viola
De um saco novo de chita
E cuja viola estava
Toda enfeitada de fita.
Ouvi as moças dizendo:
– Grande viola bonita!

Então, para me sentar
Botaram só um caixão
Já velho, desmantelado,
Desses que vêm com sabão,
Eu sentei, ele envergou
E me deu um beliscão.

Eu tirei a rabequinha
Dum pobre saco de meia,
Um pouco desconfiado,
Por estar na terra alheia.
Ouvi as moças dizendo:
Meu Deus, que rabeca feia!

Uma disse a Zé Pretinho:
– A roupa do cego é suja,
Botem três guardas na porta
Para que ele não fuja.
Cego feio, assim de óculos,
Só parece uma coruja.

Disse o capitão Duda:
– Como homem mui sensato,
Vamos fazer uma bolsa,
Botar dinheiro no prato,
Que é mesmo que botar
Manteiga em venta de gato.

Disse mais: – Eu quero ver
Pretinho espalhar os pés.
E para os dois cantadores
Tirei setenta mil réis,
Mas vou interar oitenta;
Da minha parte dou dez.

Me disse o capitão Duda:
– Cego, você não estranha
Este dinheiro no prato.
Eu vou lhe dizer quem ganha:
pertence ao vencedor,
Nada leva quem apanha.

Nisto as moças disseram:
– Já tem oitenta mil réis
Porque o capitão Duda
Da parte dele deu dez.
Se encostaram a Zé Pretinho
E botaram três anéis.

Então disse Zé Pretinho:
– De perder não tenho medo.
Esse cego apanha logo,
Falo sem pedir segredo.
Tendo isto como certo,
Botou os anéis no dedo.

Afinamos os instrumentos,
Entramos em discussão.
O meu guia disse a mim:
– O negro parece o cão.
Tenha cuidado com ele
Quando entrarem em questão.

Eu lhe disse: – Seu José,
Sei que o senhor tem ciência.
Parece que é dotado
Da Divina Providência.
Vamos saudar este povo
Com a justa excelência.

P - Sai daí, cego amarelo,
Cor de couro de toucinho.
Um cego da tua forma
Chama-se abusa-vizinho.
Aonde eu botar os pés
Cego não bota o focinho.

C - Já se vê que seu Pretinho
É um homem de ação
Como se maltrata outro
Sem haver alteração?
Eu pensava que o senhor
Possuísse educação.

P - Esse cego bruto, hoje,
Apanha que fica roxo.
Cara de pão de cruzado,
Testa de carneiro mocho!
Cego, tu és um bichinho
Quando come vira coxo!

C - Seu José, o seu cantar
Merece ricos fulgores,
Merece ganhar na sala
Rosas e trovas de amores.
Mais tarde as moças lhe dão
Bonitas palmas de flores.

P - Cego, eu creio que tu és
Da raça do sapo sunga.
Cego não adora a Deus,
O Deus do cego é calunga.
Aonde os homens conversam
O cego chega e resmunga.

C - Zé Preto, não me aborreça
Com o teu cantar ruim.
O homem que canta bem
Não trata os versos assim,
Tirando as faltas que tem,
Botando em cima de mim.

P - Cala-te, cego ruim!
Cego aqui não faz figura.
Cego quando abre a boca
É uma mentira pura.
O cego quanto mais mente
Inda mais sustenta a jura.

C - Este negro foi escravo
Por isso é tão positivo.
Quer ser na sala de branco
Exagerado e ativo.
Negro da canela seca
todo ele foi cativo.

P - Dou-te uma surra
De cipó de urtiga,
Te furo a barriga,
Mais tarde tu urra.
Hoje o cego esturra,
Pedindo socorro.
Sai dizendo: - Eu morro,
Meu Deus que fadiga,
Por uma intriga,
Eu de medo corro!

C - Se eu der um tapa
Num negro de fama,

Ele come lama
Dizendo que é papa;
Eu rompo-lhe o mapa,
Lhe rasgo a espora,
O negro hoje chora
Com febre e com ingua!
Eu deixo-lhe a língua
C'um palmo de fora.

P – No sertão, peguei
Um cego malcriado,
Danei-lhe o machado,
Caiu, eu sangrei!
O couro eu tirei
Em regra de escala,
Espichei numa sala,
Puxei para um beco
Depois dele seco
Fiz mais de uma mala.

C – Negro és um monturo,
Molambo rasgado,
Cachimbo apagado,
Recanto de muro.
Negro sem futuro,
Perna de tição,
Boca de porão,
Beijo de gamela,
Venta de moela,
Moleque ladrão.

P – Vejo a coisa ruim,
Cego, estás danado,
Cante moderado

Que não quero assim.
Olhe para mim,
Que sou verdadeiro,
Sou bom companheiro,
Cante sem maldade.
Eu quero a metade,
Cego, do dinheiro.

C – Nem que o negro seque
A engolideira, 42
Peça a noite inteira
Que eu não lhe abrequê,
Mas este moleque
Hoje dá pinote,
Boca de bispote,
Venta de boeiro,
Tu queres dinheiro,
Eu dou-te chicote!

P – Cante mais moderno,
Perfeito e bonito,
Como tenho escrito
Cá no meu caderno.
Sou seu subalterno
Embora estranho,
Creio que apanho
E não dou um caldo,
Lhe peço Aderaldo
Que reparta o ganho.

C – Negro é raiz
Que apodreceu,
Casco de judeu,
Moleque infeliz.

Vai pra teu país
Senão eu te surro,
Dou-te até de murro,
Te tiro o regalo,
Cara de cavalo,
Cabeça de burro!

P – Fale de outro jeito,
Com melhor agrado!
Seja delicado,
Cante mais perfeito.
Olhe, eu não aceito
Tanto desespero,
Cante mais maneiro,
Com verso capaz
Façamos a paz
Reparta o dinheiro.

C – Negro careteiro,
Eu rasgo-te a giba,
Cara de guariba,
Pajé feiticeiro,
Se queres dinheiro,
Barriga de angu,
Barba de quando,
Camisa de saia,
Te deixo na praia,
Escovando urubu.

P – Eu vou mudar de toada
Para uma que meta medo.
Nunca encontrei cantor
Que desmanchasse esse enredo:
É um dedo, é um dado, é um dia,
É um dia, é um dado, é um dedo.

C – Zé Preto, esse teu enredo
Te serve de zombaria.
Tu hoje cegas de raiva,
O diabo será teu guia.
É um dia, é um dado, é um dedo,
É um dedo, é um dado, é um dia.

P – Cego, respondeste bem,
Como tivesse estudado.
Eu, também de minha parte,
Só canto verso aprumado:
É um dado, é um dedo, é um dia,
É um dia, é um dedo, é um dado.

C – Vamos lá, José Pretinho,
Que eu já perdi o medo.
Sou bravo como leão,
Sou forte como penedo.
É um dedo, é um dado, é um dia,
É um dia, é um dado, é um dedo.

P – Cego, agora puxa uma
Das tuas belas toadas,
Para ver se essas moças
Dão algumas gargalhadas.
Quase todo povo ri,
Só elas estão caladas.

C – Amigo José Pretinho,
Eu nem sei o que será
De você depois da luta
O senhor vencido está.
Quem a paca cara compra,
Cara a paca pagará.

P – Eu estou me vendo apertado
Que só um pinto no ovo,
E o cego velho danado
Satisfazendo este povo,
Cego, se não for massada,
Repita a paca de novo!

C – Digo uma vez digo dez,
No cantar não tenho pompa.
Presentemente não acho
Quem hoje o meu mapa rompa.
Paca cara pagará.
Quem a paca cara compra.

P – Cego o teu peito é de aço,
Foi bom ferreiro que fez.
Pensei que o cego não tinha
No verso tal rapidez,
Cego, se não for massada,
Repita a paca outra vez!

C – Arre com tanta massada,
Deste preto capivara:
Não há quem cuspa pra cima
Que não lhe caia na cara.
Quem a paca cara compra
Pagará a paca cara.

P – Demore, cego Aderaldo,
Cantarei a paca já:
Tema assim só um borrego
No bico do “carcará”.
Quem a caca... aí, num é caca...
Ai, é caca mesmo... não... é...

Diabo, é: quem a caca caca compra,
Caca... caca... ca... ca... rá...

Houve um trovão de risada
Pelo verso do Pretinho.
O capitão Duda disse:
– Arreda pra lá, negrinho,
Vai descansar teu juízo,
Que o cego canta sozinho.

Ficou vaiado o Pretinho,
Aí eu lhe disse: – Me ouça.
José, quem canta comigo
Pega devagar na louça.
Agora o amigo entregue
O anel de cada moça.

Quando eu fiz este verso
Com a minha rabequinha,
Procurei o negro na sala,
Já estava na cozinha.
De volta queria entrar
Na porta da camarinha.

Tem muito negro de bem,
Tem muito negro educado,
Tem muito preto decente,
Sabido e civilizado,
São Benedito era preto
Preto foi santificado.

É preta somente a pele
Mas o espírito é bondoso.
Correto e muito decente,

De coração amoroso,
Pimenta do reino é preta
Mas faz um comer gostoso.

Agora, peço desculpa,
Que vou seguir meu caminho.
Deixando a terra alheia
Por outro Estado vizinho.
O negro que eu falei
Foi somente Zé Pretinho.

Piauí, 1916





Tinham mandado o recado,
Dizendo ao portador:
- Diga a José Francalino,
Que ele, como cantor,
Venha vingar hoje a surra
Que Zé Pretinho levou.

Ele perguntou: - Quem é?
Disseram: - É Aderaldo.
Ele disse: - Eu sei que o cego
Apanha e não dá um caldo;
Dou-lhe hoje quatorze surras
E quatro bolos de saldo.

Um chaleira disse a mim:
- Francalino canta bem.
Disse outro: - Cego, não corra,
Espere que o homem vem;
Outro disse: - O cego hoje
Canta tudo quanto tem.

Quando chegou Francalino,
Recebeu logo uma palma;
Eu lhe fiz um cumprimento,
Falando com muita calma,
Tive tanto do sobosso
Que me ardeu dentro da alma!

De folhas de oiticica
Era o barracão bem feito;
José Francalino disse:
- Cantar aqui não aceito;
Homem que canta em barraca
Não pode cantar direito!
Com muito rogo o cantor
Aceitou sempre o assento.
Mandou que eu me sentasse
Do outro lado do vento;
Colocou o povo em roda
E nós ficamos no centro.

Ele afinou a viola
E começou o baião.
Eu afinei a rabeca,
Dei a mesma entoação;
Agitou-se o pessoal
Pra ouvir a discussão.

F - Senhoras, dêem-me licença
De refrescar a garganta,
Mostrar ao cego Aderaldo
A minha palavra santa.
Meu eco treme a colina,
Parece que o bosque canta.

C - Dêem-me licença, senhoras
A mais rica personagem,
Cantar com este cantor
Que vem com tanta vantagem,
Dizendo que a sua voz
Para o vento é a miragem.

F - Cego, cante com cuidado
Que eu sou cantor benquisto,
Você cometendo um erro
Fica pelo povo visto.
E eu faço com você
Como Judas fez com Cristo.

C - Então o amigo quer ser
Rebelde conspirador?
Não faça escravo de quem
Inda pode ser senhor.
Porque você me vendendo
Vai minorar minha dor.

F - Eu não quero te vender,
Dei-te só u'a explicação.
Tu como cego de tudo,
Já vens com má-criação.
Quem faz de cachorro gente
Fica c'o rabo na mão.

C – Senhor José Francalino,
Tu mudaste de sintoma
Já me queimou com a língua
Como o fogo de Sodoma.
Dá-me ao menos teu retrato
Que guardo em minha redoma.

F – Eu não quero é chaleirismo,
Vim aqui formar divisa,
Saber hoje de certeza
Dos dois qual se simpatiza,
Do amigo Zé Pretinho
Vim hoje vingar a pisa.

C – Desculpe, que eu não sabia
Que tu eras cangaceiro
Do grande José Pretinho.
O cantor piauízeiro;
Você hoje leva lembrança
Para si e seu parceiro.

F – Então, cego, venha a mim
Que eu sou conspirador.
Tenho a minha profissão
Na arte de cantor.
Não cursei academia,
Porém sou quase doutor.

C – Por tua frase eu conheço
Verbo puxado a cambito,
Pronomes que só se encontram
No português do maldito,
Palavras ainda do tempo
Que besouro era mosquito.

F – Cego, você não suporta
Que eu sou cantor da mata;
Dizem que sua rabeca
Tem todas cordas de prata;
Ela quebra e o dono apanha,
Tome nota, dia e data!

C – Francalino, você está
C’um olho preto outro roxo;
Fala em me dar u’a surra,
Queira Deus não volte chocho;
Então comece o martelo.
Parta cedo que és coxo.

F – Cego, sustenta a rabeca
E tome muito sentido.
Não perca roteiro e rima,
Trabalhe bem resumido
Que eu venho hoje preparado
Pra quebrar-lhe o pé do ouvido.

C – Francalino, desinfeta,
Alma de lobo marinho,
Serpente que traiu Eva,
Coruja errante sem ninho,
Seca de setenta e sete,
Toco velho de caminho.

F – Cego, tu só tem cabeça
Porque prego também tem.
Barriga de vucu-vucu,
Teu nariz de vaivém,
Te casaco’ma raposa.
Pra ser raposa também.

C – És um sapo cururu,
Barriga de chipanzé,
Cara de todos os bichos,
Catimbó de Zé-Pajé,
Sobra de esmola de cego,
Currimboque sem rapé.

F – Tu és um cego sem jeito,
Um cinturão sem fivela;
Uma casa sem ter gente,
Uma porta sem tramela,
Um sapato sem ter dono,
Um anzol sem ter barbela!

C - Puxa fogo, cabeleiro!
Instinto mau de Lusbel,
Febre negra de Alcobaça,
Dentes de leão cruel,
Judas que cuspiu em Cristo,
Entranhas de cascavel.

F - Puxa, puxa, cego velho,
Tu sustenta a retentiva,
Apanha hoje, não tem jeito,
De chorar ninguém te priva.
Tu ronca no nó da peia,
Apanha até dizer viva.

C - Fora, José Francalino!
Porque tu não canta bem.
Olho de boto vermelho,
Boca de carro de trem,
Cabelo de urso africano,
Venta de chamar que vem!

F - Fora, Cego Aderaldo!
Que berra tanto e não pára.
No peso de meia libra
Ele não dá uma tara,
Cego eu só vim de encomenda
Para rebentar-lhe a cara.

C - Vai-te, sarro de cachimbo!
Guarda-chuva de parteira,
Boca de comprar fiado,
Chinela de cozinheira;
Bode mocho, pé de pato,
Guardanapo de fateira.

F - Cego, vai-te pro inferno,
Que lá será teu desterro.
Língua de contar mentira,
Boca que só solta erro,
Hoje berras como vaca
Correndo atrás do bezerro.

C - Palhaço de pastorinha,
Trapo de forno de lixo.
Cama velha de hospital,
Lêndea de pulga-de-bicho,
Cangalha sem cabeçote,
Sela velha sem rabicho!

F - Cego, há tempo que estamos
Jogando de carta e sota.
Quando um bota o outro tira,
Quando um tira o outro bota
Só ouço, o riso do povo
E ninguém falou na cota.

C - Não quero que fale em cota,
Bornal de preto aleijado,
Calunga de mamulengo,
Saco de guardar pecado,
Terra de cobrir defunto,
Cemitério de enforcado.

F - Cego, por ora deixemos,
Não nos convém pelejar.
Ninguém se sustenta em riso,
Riso não dá pra engordar,
Deixemos pra outra vez,
Quando nós se encontrar.

C - Desculpa de nuvem negra!
Cururu rouco de cheia,
Bagageiro de cigano,
Fedentina de cadeia;
Pescoço de jabuti,
Alpercata sem correia.

F - Você cante com mais jeito,
Deixe de ser malcriado!
Faça um serviço direito
Para ser apreciado.
Eu não pensei que você
Fosse tão mal-educado.

C - Francalino, você sabe
Que quem canta tem razão
De soltar para o amigo
Gracejo e má-criação.
Mesmo quem canta martelo
Não pode ter concessão.

F - Então, você continue
Com a sua obra singela,
Já estou lhe achando a feição
Com a cor muito amarela.
Quero saber se tu cantas
Dez linhas feito parcela.

C - Francalino, pode vir
Mas não perca uma só linha.
Homem que canta parcela
Tem horas que adivinha.
Não vá meter-se na sala,
Depois ficar na cozinha.

F - Sou homem de alto relevo,
Não solto palavra à toa.
Em parcela e gabinete
A minha rima revoa
Vamos experimentar
Neste salão quem entoa.

C - Siga, logo, Francalino,
Com seu trabalho zeloso.
Repare o que vai fazendo,
Seja muito cuidadoso.
Veja se canta a parcela,
Não seja tão preguiçoso.

F - Balanço e navio,
Navio e balanço,
Água e remanso
Na margem do rio
Procuro o desvio
O desvio procura

Carreira segura
Segura carreira
Molhando a barreira
Das águas escuras.

C - A barca, o farol
O farol da barca
Ilumina a arca
Os raios do sol
O mesmo arrebol
Faz a luz tão quente
Na força da lua
A barca flutua
Nas águas pendente.

F - Passa o automóvel
O automóvel passa
Só pela fumaça
Tudo se comove
Fica o povo imóvel
Fica imóvel o povo
O motor é novo
É novo o motor
Como não parou
Teve seu aprovo.

C - Flauta e flautim
Flautim e flauta
Muita gente alta
Toca bandolim
Brada o cavaquim
Sax e bombardão
Trompa e violão
Violão e trompa
Grita o cabra: rompa
Entra o rabeção.

F - Vida boa esta
Na dança animada
Não nos falta nada
Todo mundo presta

No vigor da festa
Não se vê tormento
Naquele momento
Mestre faz corveta
Engole a palheta
Do seu instrumento.

C - Briga e barulho
Barulho e briga
Por causa da intriga
Rola grande embrulho
Fica no vasculho
O grito da guerra
Mesmo em qualquer terra
Havendo revolta
Desce grande escolta
De cima da serra.

F - Dou outro sentido
Pra gente cantar.
Vamos martelar
Que é mais conhecido
'Teja prevenido
Com a voz ativa
Faça retintiva
Hoje aqui na sala
Não tropece a fala
Minha língua é viva.

C - O homem guerreiro
Se quiser teimar
Comigo brigar
Seja cangaceiro
Fique bem veleiro
Na sua emboscada
Venha a madrugada
Mesmo em minha terra
Que homem de guerra
Nunca teme a nada.

F - Vai minha parcela

Muito apreciada,
Não sendo cansada
Gosto muito dela.
Se torna mais bela
Assim desse jeito,
Sou cantor perfeito
Para qualquer sala,
Só com a escala
Tudo sai bem feito.

C - Vamos, Francalino,
Endireite a goela;
Você na parcela
Pra mim é menino
Perde o destino
Da sua morada,
Não sabe a estrada
Por onde chegou,
Meu chiquerador
É seu camarada.

F - Cego sem leitura
Cante prevenido
Que no seu sentido
Só mora loucura.
Quer fazer figura
Hoje no salão,
Se é valentão
Pega no topete,
Lasco-lhe o bofete
Você beija o chão.

C - Sai-te molambudo,
Caixeiro sem venda,
Ladrão de fazenda,
Com molambo e tudo,
Corto-te miúdo,
Te deixo em farelo,
Sujeito amarelo,
Caboclo sem sorte,
Hoje a tua morte

Foi cantar martelo.

F – Hoje, à noite, brigo
Porque me disponho.
Mostro o ar risonho
Para algum amigo,
Mas faço contigo
Trabalho direito
Dou-te um mal no peito
Que tu saís tossindo
E eu fico rindo
Muito satisfeito.

C – Roga-me u’a praga
Porém não me pega
Porque Deus te entrega
Centenas de chagas.
Só assim tu pagas
O que tu me deves
Para o que tu serves
Sendo bom ourives
Se apanhando vives
Em tudo que escreves.

F – Você conheceu
A minha chegada
Nesta pátria amada
Que você nasceu?
O que sucedeu
Foi eu vir sozinho.
Como sou mansinho
Vim formar divisa.
Você paga a pisa
Que deu no Pretinho.

C – Atrás de vingança
Se você chegou,
Meu chiquerador
Dá-lhe uma esperança!
Não quero “ganância”,
Que esta terra é minha.

Você não adivinha
O meu ameaço,
Vou dar-lhe um abraço
Na ponta da linha.

F – Deixemos já este cântico
Como uma nuvem que embaça.
Eu reconheço que a festa
Está qual festins de praça
Eu ganhando ainda canto,
Não convém cantar de graça.

C – É verdade, Francalino,
O cantor bom vem de raça.
A tua cantiga é
Saborosa feito massa.
Eu também paro a rabeca
Não convém cantar de graça.

F – Cego, se aparecer
Um homem que a bolsa faça,
Pois aqui tem gente boa,
Que protege a grande massa,
Mas, para não ganhar nada,
Não convém cantar de graça.

C – Já vi que o povo queria
Ver nós dois numa desgraça,
Porque estamos comprando
Barulho e intriga por braça.
Dá-me a mão, somos amigos,
Não convém cantar de graça.

F – Cego Aderaldo, eu ainda
Voltarei a este lugar.
Tenho livros importantes
E neles vou estudar
A surra de Zé Pretinho
Pretendo ainda vingar.

C – Uma língua faladeira

Queima, papoca que assa!
Diga a José Pretinho
Que outra intriga não faça
Que nós dois conciliamos,
Não convém cantar de graça.

C - Pode vir quando quiser,
Estou sempre preparado
Estudo o Mártir do Gólgota
Que este livro é aprovado.
Não traga mitologia
Que nela sou atrasado.

C - Sou um cantor cearense
Cego, sem rumo, sem tino,
Só conheço o abandono,
Sou pobre desde menino.
Ceguei com 18 anos,
Não canto de pequenino.

C - Jesus me deu esse abrigo,
Este cantar sem ciência.
Canto por necessidade,
Não é por ter eloquência.
Quem roubar-me este direito
E ladrão de consciência.





No ano de vinte e cinco,
A cousa não estava boa.
Parti do meu Ceará
Em busca de Alagoa.
Devido à minha pobreza
Tomei passagem de proa.

Aqueles rolos de cabos
Me serviam de divã,
O mar formava uma espuma
Como capucho de lã.
Eu recebia o perfume
Da brisa pela manhã.

Lá nos porões do navio
O calor fazia dó.
Eu me achava esbaforido
E molhado de suor.
Pedia a Deus que o barco
Atracasse em Maceió.

Um certo dia, às três horas,
O grande barco atracou
No porto de Maceió.
E o que mais me admirou
Foi o tal Gogó da Ema
Que meu menino avistou.

Saí, do grande navio,
Porém com muita alegria,
Levando meus dois garotos.
E um servindo de guia.
Se este caísse doente
O outro também servia.

Logo nas primeiras casas
Entramos numa pensão.
A dona nos recebeu
Com pouca satisfação.
Mi'a bagagem era só
Uma rabeca e um bastão.

Perguntei qual era o preço
Que a pensão exigia.
A dona falou gritando,
Pensando que eu não ouvia:
– Tendo cama, mesa e luz
Paga dez mil réis por dia.

Chamei o guia e lhe dei
Meu dinheiro pra contar.
Ele contou e me disse:
– Este dinheiro não dá.
Tem vinte e cinco mil réis
E nós não tem pra interá.

Eu disse então para o guia:
– Tem paciência, rapaz
Pode ser que eu hoje cante
E este dinheiro se faz.
Quem anda com Deus na frente
Não precisa olhar pra trás.

Conversava lá por dentro
A senhora da pensão,
Dizendo: – Estes três hóspedes
São de um seco sertão.
Todo mundo que é de lá
É assassino ou ladrão.

Eu ouvi, mas nada disse
Porque eu queria falar
Com a dona da pensão
Para me facilitar
Pelo menos dez minutos
Em que pudesse cantar.

Ela concedeu licença
E eu muito alegre entrei
Na salinha da pensão.
Veio cadeira e eu me sentei,
Tirei minha rabequinha,
Rapidamente afinei.

Fiz primeiro uma toada
De minha composição,
Depois toquei um chorinho
Sem deixar a entonação.
Passei pro som natural
E sustentei no baião.

Fiz o primeiro elogio
A um velho português.
Este me deu dez mil réis
E uma mulher me deu seis,
Uma criança da casa
Veio sorrindo e deu-me três.

Um moço paraibano
Pagava a pensão por mês.
Mandou que a dona da casa
Desse a bóia pra nós três
E entregou para mim
Cem mil réis de uma só vez.

A dona da pensão disse:
– Eu não sei como lhe faça
Para agradar bem ao cego
Que tanto desembaraça.
Por hoje a cama e a mesa
Para os três, ficam de graça.

No outro dia, bem cedo,
Eu ‘stava de prontidão.
Chamei a dona e pedi
A conta da sua pensão.
Ela sorriu e me disse:
– Não debes nem um tostão.

E eu falei para ela
Com calma e educação:
– Senhora, eu não aceito
Porque eu sou do sertão,
Venha receber o débito
Do assassino e ladrão.

E dali me retirei,
Saí percorrendo a terra,
Atravessando ribeiros,
Bosques, riachos e serras,
Na pátria dos Marechais
De letras, ciência e guerra.

Eu cantei na Várzea Nova,
Um lugar pequenininho,
No outro dia segui
Pra outro lugar vizinho,
Terra muito assituada,
De nome Bacabalzinho.

Um velho ali me disse:
– Nós gosta de grande obra.
Aqui tem uma mulher
Que dá no peito uma dobra.
O nome dela é Felícia.
Nós chama Felícia Cobra.

Manda que o povo se cale,
Para lhe ouvir porque pode
Mangar da rapaziada.
Leva tudo no pagode
Não bebe água no seu copo
Rapaz que rapa o bigode.

Ela acanalha as mocinhas
Que usam novos modelos
Que botam batom nos lábios
E talco nos tornozelos
Não bebe água no seu copo
Quem frisa e corta os cabelos.

Com tudo isso eu saí
No caminho examinava
Para saber com certeza
Aonde Felícia andava.
Me ensinaram até a casa
Que Felícia hospedava.

Na casa de Antônio Lucas
Tava Felícia hospedada;
Como a casa era pequena
Tava fora, na latada,
E uma tolda de lençol
Por cima da velha, armada.

Tava ali dona Felícia,
Assentada sobre um banco,
Com saia de merinó,
Casaco de fustão branco,
Meias de fios da Escócia,
Porém de pé no tamanco.

Eu me aproximei da casa,
Oscilando como mola,
Com os pés muito inflamados,
Cada pé era uma bola,
Com muita calma e respeito
Saudei pedindo uma esmola.

O dono da casa disse:
– Veja o mundo como é.
Olhou pra Felícia e disse:
– Isto é um cego qualquer.
Pensei que era um cantor
Mas é um cego esmoler.

Então a Felícia disse:
– Seu Lucas sempre se engana.
Este aí não canta nada
É um pidão de semana
Eu conheço o cantor
Pelo bater da pestana.

Seu Lucas, dono da casa,
Aproximou-se de mim.
Perguntou-me pelo nome,
Eu lhe respondi assim:
– Senhor, eu sou cearense
E o meu nome é Joaquim.

Mas nesta hora chegou
Um vendedor de miudeza,
Foi botando a carga abaixo,
Falou com delicadeza:
– Adeus, cego Aderaldo
Batutão de Fortaleza!

Ele disse esta palavra,
Desgraçou a minha lira
E eu fiquei imaginando:
“Tem cousas que eu não pedira.
Vir um moço de tão longe
Descobrir minha mentira”.

Então a dona da casa
Falou sério para mim:
– Então tu és Aderaldo,
E disse que era Joaquim?
Pois vais cantar com Felícia
Num desafio sem fim.

Tinha dado sete horas,
Depois bateu sete e meia.
Então o dono da casa,
Estando com a sala cheia,
Disse: – Felícia, pois, entre
E traga o cego para a ceia.

Antes de eu entrar pra ceia,
Uma moça me chamou.
E puxando um tamborete,
Junto de mim se sentou.
Quase em forma dum segredo
Esta história me contou:

“Seu Aderaldo, esta velha,
Chegou aqui outro dia,
Desde que chegou aqui
Só fala em feitiçaria.
A oração do sapo-seco
Ela disse que sabia.

E disse que dá um murro
Na ponta de qualquer faca.
Sabe o que é catimbó
E querendo tudo ataca
Com sua feitiçaria
E força de urucubaca”.

E eu disse para a mocinha:
– Esta velha é uma praga.
Esta velha é uma miséria,
Com a língua tudo estraga.
A senhora fique firme,
Que mais tarde a velha paga.

Então a dona Felícia
Chegou, pegou no meu braço,
E falou pros meus meninos,
Quase num tom de ameaça:
– Façam o prato de vocês
Que o prato do cego eu faço.

Eu disse: – Dona Felícia,
Me desculpe eu lhe dizer.
Como a senhora não sabe,
Eu quero lhe esclarecer:
– Na noite que vou cantar
Também não posso comer.

– Ela me disse: – Então tome
Um café com tapioca,
Ou uma banana assada
C’um pouquinho de paçoca.
E se quer comida ruim
Eu mando fazer pipoca.

Tem arroz, queijo e galinha,
Tem bife e carne ensopada.
Prove ao menos um tiquinho
Aqui desta carne assada.
Eu lhe disse, que “de tudo
Pra comer não quero nada”.

Ela me disse: – Então tome
Um gole deste meu vim
E querendo um tira-gosto
Tá aqui bolo de pudim.
E se quer bebida forte
Tem conhaque cavalim.

Depois, ela disse: – Cego,
Não guardo nada em segredo.
Olhou para o pessoal,
Fez um sinal com o dedo
E disse, achando graça:
– O cegão já está com medo.

Então avisou-me: – Cego,
Esteja bem prevenido,
Afine seu instrumento,
Quero ver bem retinido,
E agora me dê licença
Enquanto eu troco o vestido.

Ela entrou por uma alcova
E cruzou pra camarinha,
Trajou-se perfeitamente
Que saiu tão bonitinha,
Toda pintada a batom
E o vestido almofadinha.

Ela vinha tão cheirosa
E perfumada demais,
Um lindo colar de ouro
C’oretrato de São Brás,
Com o cabelo à bendengó,
De lado um “pega-rapaz”.

Um outro cordão de ouro
Com uma cruz de marfim,
Um diadema no peito,
De uma beleza sem fim.
Seu sapato afivelado,
Cada fivela um peixim.

Admirou, o salão,
O traje desta mulata,
Ela vinha bonitíssima,
De uma maneira que mata,
No “lobo” de cada orelha,
Tinha um pingente de prata.

Ela afinou a viola
E tocou logo um baião,
Num toque tão animado
Encheu de som o salão.
Senti minha rabequinha
Perder toda a entonação.

Da forma que ela tocou
Qualquer cantor não se atreveu
Seu compasso quaternário
A figura semi-breve,
A mãe de todas as notas
Que na música se escreve.

C – Senhora dona Felícia,
Foi bonita a melodia.
Viva seu dono da casa
Que é quem nos dá garantia.
Vamos ver quem tem talento
Agora na cantoria.

F – Cego, eu para cantar
Minha palavra é segura.
Homem que canta comigo
Precisa literatura.
A pena que me acompanha
É faltar-me a dentadura.

C – Senhora dona Felícia,
Fizeste a obra segura.
Destes prova no teu cântico
Que não tens palavra escura.
Mas o cantor vem do berço
E não é da dentadura.

F – Tu não sabes quem sou eu,
Sou excelente mulher
Eu vou entrar em perguntas,
É isto que você quer.
Juro que tu não respondes
Às perguntas que eu fizer.

C – Senhora dona Felícia,
Foi Deus quem me deu o ser.
A grande felicidade
Pra alguma cousa eu saber.
Pergunte, senhora dona,
Posso até lhe responder.

F – Cego, então me responde,
Agora pra eu saber,
Das sementes peregrinas
Qual é que tem mais poder
Que crê em quem a criou
Não é Deus, mas pode ser?

C – Senhora, dona Felícia,
Eu vou lhe dar a resposta:
Das sementes peregrinas
Tem uma que padre gosta,
É a semente do trigo
Da donde se faz a “osta”.

F – Cego, respondeste esta,
Responda outra pra eu.
Quem foi que nasceu na mama,
Na mesma mama cresceu,
Depois que largou a mama
Mamava aonde nasceu?

C – Senhora dona Felícia,
Vou abrindo grande vaco,
A pergunta da senhora
Pra quem não sabe é buraco,
Quem mama adonde nasceu
Isto é catita ou cassaco.

F - Cego, agora respondeste
Com o saber tão profundo.
Responda, rapidamente,
Em menos de um segundo,
Me diga qual é o saco
Que tem três boca e um fundo.

C - Senhora dona Felícia,
Sua palavra realça.
A pergunta da senhora,
Não sendo uma cousa falsa,
Quem tem três boca e um fundo
Só pode ser uma calça.

F - Cego, eu fiquei danada,
O meu peito retiniu.
Fiquei com raiva de ver
Que o meu coração sentiu.
Danei-me com aquela moça
Que olhou pra mim e sorriu.

C - Felícia, a moça sorriu
Foi de ver teu queixo mole.
Ver a boca da senhora
Subir, baixar como um fole.
Ela acha parecido
Com sapo que cobra engole.

F - Cego, cante com respeito,
Não sou mulher de pagode.
Que para cantar comigo,
Aqui só canta quem pode.
Não bebe água no meu copo
Rapaz que rapa o bigode.

C - Senhora dona Felícia,
Deixe lá de tanto arrojo.
Bateu c'os lábios um no outro
Que só u'a tábua de fojo.
Não bebe água em teu copo
Mas é porque mete nojo.

F - Eu canto decentemente,
Com muita modéstia e zelo.
Pra elevar a poesia
Eu sou a mulher modelo.
Morro mas não aprecio
Moça que corta o cabelo.

C - Senhora dona Felícia,
Deixa a moça divertir.
Pra moça assim muito nova,
Não é tempo de carpir.
Se ela corta o cabelo
Já é pra mangar de ti.

F - Sai daí, cego canalha,
Safado, teso, amarelo.
Miserável sem vergonha,
Tu me insulta pra duelo
Juro que você não canta
Dez pés comigo em martelo.

C - Não me fale em martelo,
Que este jogo é muito forte.
Pelo jeito que vier
Eu garanto dar-lhe um corte.
Não açoite o cego velho
Que eu sou o cantor do Norte!

F - Dou tacada em cantor
como num sapo
Que a carne apodrece e fica
murcha
E a boca entupo com uma
bucha
Pra arrancar precisa um saca
trapo
Sai correndo e dizendo “eu
não escapo”
Sai tombando, fedendo e cai
no lixo
Com a cara tão feia como um
bicho

Com a testa e a cara muito
lisa

É por gosto que levas esta
pisa

Vagabundo, canalha, sem
capricho.

C - Há pessoas no mundo
que padecem,
Como estas velhas de meia cara
Que à viola parece uma coivara
E apanham demais porém
esquecem,

São brutas e de nada não
conhecem

Só conhecem u'a surra

quando eu dou,

Com o cabo do meu chique-
rador

As tacas são palmas que elas
ganham,

Estas velhas safadas quando
apanham

Já respeitam a quem lhes
açoitou.

F - Cantador da bexiga e da
moléstia,

No lugar que tu cantas faz azar,

Tem agouro dum cachorro a
uivar

É tristonho o seu berro numa
festa;

Este mal que tu tens na alma
empesta

Desanima o povo do pagode,

A mulher cafezeira te sacode

Água quente e rescaldo no
assento,

Depois grita: - Retira este
nojento

Que tem mofo e curuba no

bigode!

C - Foi achado na rampa um
grosso embrulho

Amarrado na forma duma
trouxa

Era um ninho de cobra e de
carocha

Fervilhando de lêndea e de
gorgulho,

Tinha aspecto infeliz aquele
entulho

E um lodo nojento como massa,
No lugar que rasgaram nin-

guém passa

Satanás quando passa logo diz:

- Disto tudo nasceu esta infeliz

Pra que querem na sala esta
desgraça?

F - Eu te dou com um pau
sobre a moleira

Vão saber que este cego não é
macho,

Então ali do lombo um tanto
abaixo

Eu retalho na ponta da ligeira;

Sai a alma do cego na carreira

Saltitando no corpo e dando ronco

Depois, pego e amarro sobre
um tronco

Se falar, a palavra é frase louca,

E a baba que sair da sua boca

Queima mais de dez léguas

no reconco!

C - Esta velha Felícia foi
casada

Quatro vezes e ainda achou

foi pouco.

O primeiro marido foi um

louco,
Que findou-se num dia de
enxurrada;
O segundo era um fraco ca-
marada,
O terceiro era neto de Caifás,
O quarto era um irmão de
Ferrabrás
Que morreu contemplando o
sol de inverno
Ela quando morrer, vai ao
inferno
Para ainda casar com Satanás!...

F – Dona Felícia ouviu
A passarada a cantar
Ali parou a viola
E disse: – Eu vou repousar
Mas juro dar-te uma pisa
É lá no teu Ceará.

C – Eu disse: – Dona Felícia,
Meu Ceará tem conceito
É de um pessoal decente
Criterioso e direito
Se não açoitar-me aqui
No Ceará está sem jeito.

Alagoas, 1925





Eu saí do Quixadá
Para cantar no Icó
E lá eu tive um convite
Pra cantar em Seridó.
Aí dei um retrocesso,
Vim saí em Mossoró.

Eu cheguei em Mossoró
Pelo lado da ribeira
E fui tomar um café
Numa velha cafezeira,
Ouvi a voz de um menino
Cantando dentro da feira.

Cheguei no meio da feira,
Vi um menino cantando,
O velho pai do menino
Numa viola tocando,
E o povo de Mossoró
Tava perto apreciando.

A cantiga da criança
Era bela melodia,
Todos botavam dinheiro
No fundo de uma bacia
E o velho tirava os níqueis,
Comprava cana e bebia.

Quando o menino me viu,
Fez logo um verso esmerado,
Levantou a voz e disse:
Eu vou ganhar o meu saldo.
Minha gente, abra caminho
Pra entrar mestre Aderaldo.

Teceu-me grande elogio,
Da cabeça até os pés,
Completando inteirado,
Tratou bem dos seus papéis.

Me aproximei do menino
E dei-lhe trinta mil réis.

Saí dali assombrado,
Então não pude almoçar;
Mandei preparar a janta,
Também não pude jantar,
Maginando no menino
Também não pude cear.

Às 7 horas da noite
Recebi um bilheteinho.
Deram o bilhete a João
E João deu ao Nezinho,
Nezinho, trouxe o bilhete,
Sentou-se e leu direitinho.

Dizia o bilhete assim:
- Cego Aderaldo, eu combino
Para o senhor vir agora
Divertir mais o menino.
Há de ser grande peleja,
É isso que eu imagino.

Eu ia cantar com o menino?
Desta vez perdi a calma;
Pelejar com uma criança
Me ardeu dentro da alma.
Velho cantar com menino,
O velho é quem perde a palma.

Lá no hotel “12 anos”,
Na rua do Arvoredo,
Eu saí mais os meninos
Guardando em mim um segredo:
De cantar com u’a criança
Estava com muito medo.

Cheguei, lá estava o menino

Rodeado de senhores,
De homens de alta classe
E nobres conhecedores.
Parecia o Menino Deus,
Discutindo c'os doutores.

Quando o menino me viu,
Fez logo uma saudação.
Aproximou-se de mim,
Coberto de educação,
Com muita calma e respeito
Veio e beijou minha mão.

Como era do sertão,
Não tinha frase moderna.
Então fomos nos sentar,
Em frente a uma lanterna,
E o pequeno menino
Se sentou na minha perna.

Passei a mão no menino,
Bem gordinho e bem fornido,
Reconheci que ele era
Um tipo bem parecido;
Quero agora lhe explicar
Como estava ele vestido.

Chapéu de couro pequeno,
De uma banda um bornó,
Camisinha de algodão,
Mas desse algodão mocó,
Ceroula do mesmo pano,
Atada no mocotó.

Cacetinho de jucá,
Nele enfiado um cordão,
Dependurado no braço
E apertado na mão.
Na cintura da criança

Rodeava um cinturão.

O velho pai do menino,
Bêbo que causava abismo,
Gritou de lá da bodega,
Bancando grande heroísmo:
Meu filho, cantec'o cego,
Eu não quero é chaleirismo.

Naquele grito a criança
Da minha perna saltou,
Correu muito espavorido,
Correu e depois voltou.
Ficou bem perto de mim
Como quem se abrigou.

O velho trouxe a viola,
Tocou logo o seu permeio,
Com a mão muito pesada
Quebrou a corda do meio
E gritou: - Meu filho cante
Que eu toco baião vermeio.

Eu disse para a criança:
- Leve sua melodia,
Pode cantar o que sabe
No seu jeito em poesia,
Comigo nada não tema,
Já lhe tenho simpatia.

M - Seu Adelaudo, o papai
Mandou agola eu cantar,
Eu cantalei se o senhor
Minha cantiga escutar,
Só tem que eu respondo tudo
Que o senhor me priguntar.

A - Meu filho, a cantoria
É um trabalho espinhoso.

E pra responder pergunta
Torna-se bem doloroso.
Você responder a mim
Eu acho muito custoso.

M – Seu Adelaudo, o senhor
Não é grande Barbosa.
Pode perguntar a mim
Caquéousaperigoja.
Pergunte logo as facinha
E depois as mais custosa...

A – Meu filho, então responda
Quem anda pelo sertão
Sempre nos olhos dos paus,
Pouco anda pelo chão?
Eis aí uma tolice,
Diga agora a explicação.

M – Seu Adelaudo, quem é
Que anda pelo sertão?
Anda nos oios dos paus?
Pouco anda pelo chão?
Parece, seu Adelaudo,
Se chama camaleão.

A – Meu filho, você me diga
Se me puder explicar:
Quem que com capa não anda
Com capa não pode andar,
Tirando a capa ele brinca,
Começa logo a dançar?

M – Lá vem o seu Adelaudo
Com prgunta do sertão.
Tila a capa; bota a capa,
Essa capa é de codão.
A prgunta do senhô
É cala peta ou pião.

A – Então me diga de novo,
Quem revoa no sertão
Sem ter pé e sem ter asa,
Sem ter braço e sem ter mão,
Sem ter figo, sem ter bofe,
Sem alma, sem coração?

M – Seu Adelaudo, quem é
Qui avoa pelo sertão
Sem ter braço, sem ter perna,
Sem vida, sem colação?
É um papagaio de papé
Pindulado num codão.

A – Meu filho, está muito bem
As suas explicações.
Levando o verso direito,
Sem perder as direções.
Qual será o animal
Que tem cinco corações?

M – Só se é o tal cavalo,
Que tem os dois qui é nas mão,
Os outros dois é nos pé,
Quando ele pisa no chão.
Com o outro que tem dento
Faz os cinco colação.

A – Esta agora é mais custosa:
Quem andou c'um Redentor,
E serviu muito a Jesus,
Bom serviço lhe prestou,
Morreu sem nem um pecado
Mas Jesus não lhe salvou?

M – Só se foi a zumentinha,
Que fez piliguinação.
Zesuzamuntado nela
Tinha grande pecisão.

Mas como era zumenta
Não pôde ter salvação.

A – Meu filho, cantaste bem,
Es uma flor no deserto.
Tu canta perfeitamente,
Num corretismo tão certo,
Me diga qual é o céu
Que nós tem aqui mais perto.

M – Seu Adelaudo já vem
Com essa pergunta sua.
Papai comprou um lunar .
ante quando vei da rua,.
Me disse que o céu mais perto
É o planeta da lua.

A – Bravo à tua resposta
Linda criancinha louca!
Ainda és tão pequenino
Que vou te dar uma touca.
O céu que nós tem mais perto
Meu filho, é o céu da boca.

M – Seu Adelaudo, o senhô
Canta e tem muita razão,
Puliço que todo povo
Chama o senhô campeão.
Quando nada eu agola
Arricibiu'a lição.

A – Meu filho, você me diga
Qual o homem que nasceu
Em vida contemplativa,
Todo tempo ele viveu,
Ainda hoje ele é vivo,
Este homem não morreu?

M – Seu Adelaudo, o senhô

Já vem com pergunta forte.
Toda pessoa que nasce
Percisa ter o transporte.
Até Jesus era Santo,
Veio na terra e teve morte.

A – Menino, Elias e Enoque
Foram cristãos que nasceram
Na vida contemplativa,
Sempre no mundo viveram.
E ainda estão no espaço,
Nem um dos dois não morreram.

O seu Francisco Bernardo
Disse: – Aderaldo, eu combino,
Não queira agora botar
A criança em seu domínio.
Tem cento e quatro mil réis,
Mas não maltrate o menino.

E eu chamei a criança,
Botei ali bem pertim,
Pegando aquele dinheiro
Eu fiz a partilha assim:
Dei cem mil réis ao menino,
Deixei quatro para mim.

O povo do Mossoró
Deu um grito jubiloso:
– Bravo o cego Aderaldo!
Olhe como ele é jeitoso!
Deu tudo para o menino,
Provou não ser invejoso.

O velho pegou a cédula
De cem mil réis e guardou.
O menino pediu um tostão
Mas o velho sonegou:
– Cabra, tu já comeu hoje,

Peça amanhã que eu lhe dou.

Tive pena da criança,
Quis fazer segunda ação.
Chamei pra perto de mim
E botei na sua mão:
– Taí os quatro mil réis
Pra comprá bolacha e pão.

O menino disse a mim:
– O papai briga comigo,
Manda eu cantar mais os home,
Me metendo no perigo.
Porém se o papai morrer
Ainda vou molar contigo.

No ano de trinta e dois,
Lhe digo o que sucedeu:
O velho pai do menino
De uma febre morreu.
O menino procurou-me
Porém de mim se perdeu.

Depois eu tive notícia
Que ele estava em Canindé.
Cheguei lá, disseram a mim:
– Ele foi para o Coité.
Lá no Coité me disseram:
– Seguiu pra Baturité.

Em Baturité disseram:
– Ele foi pra Riachão.
No Riachão me disseram:
– Foi cantar no Mazagão.
No Mazagão me disseram.
– Embarcou pro Maranhão.

Corri para Fortaleza,
Usei logo de embarcar

No porto do Maranhão,
Comecei a examinar.
Me disseram: – Este menino
Passou direto ao Pará...

Eu voltei rapidamente,
Tomei o mesmo vapor,
Quando cheguei no Pará,
Ouvi de um estivador;
Ele disse: – Esse menino
Aqui não desembarcou...

Saí caçando o menino
Por aqueles barracões,
Quase por todas as ilhas
Eu perguntava aos patrões.
Cismava que o pequenino
Não morresse de sezões.

Não o encontrei no Pará
Nem por todas as suas zonas,
Entrei para outro Estado
Aonde as feras são donas,
Fui ver se achava o menino
Nas matas do Amazonas.

Onde tem os dois maciços,
O primeiro e o segundo,
Aonde vê-se a planície
Dum rio caudaloso e fundo
Que chamamos Amazonas,
O mais soberbo do mundo.

Que a nascente é no Peru,
Trinta e duas léguas são,
Quando se afasta do limbo
E procura a direção,
Antes de entrar no Brasil
Chamam Alto Maranhão.

Ao chegar em Tabatinga,
Tem por nome Solimões,
Vem alargando o seu curso
E banhando regiões
Com suas águas barrentas
E vagas de agitações.

Vem derribando barreiras
Com suas águas torrentes,
Crescendo em demasia
Com seus reboujos valentes,
Arrastando parte a parte
Seus soberbos afluentes...

Recebe por sua vez
O Xingu e o Coari,
O Juruá e o Tefé,
O Madeira e Jutai,
O Purus e o Macauã
E o grande Javari.

No Macauã, me disseram:
- Cego você não resiste,
Procurando este menino
Sem saber se ainda existe.
Eu perdi as esperanças
E voltei de lá bem triste.

Mossoró, Rio Grande do
Norte, 1932

VII



JACA MOLE



Aderaldo, aquele cego
Que cantou com Zé Pretinho,
Encontrou-se em Pimenteira,
Na casa do Zeca Pinho,
Com um tal de Jaca Mole
Que lhe falou sem carinho:

Cego, se assente aqui perto
Que quero tirar-lhe a fama,
Tu destes em Zé Pretinho
Mas comigo comes lama,
No lugar aonde eu chego
Sou conhecido por Gama.

Há muito tempo que ando
procurando te encontrar
Pois é meu maior desejo
Com este cego cantar
Pra mostrar como se surra
Um cego neste lugar.

Se entrar comigo em luta
Quero deixá-lo no pó,
Dou-lhe uma surra de urtiga
Lhe deixo de meter dó
Até que este povo diga:
Jaca Mole canta só!

Aderaldo respondeu:
- Me fale mais moderado,
Pois no convite que fez
Já me trouxe maltratado,
Quem quer graça, graça faz
Para ter bom resultado.

- Anda cego, senta logo,
Deixemos de amolação,
Desembucha esta rabeca,
Carrega bem no bordão
Que quando eu tinir a minha
A tua embola no chão.

Aí o cego assentou-se
Num banco que lhe botaram
Puxou do saco a rabeca
As cordas logo soaram,
Jaca Mole fez seu plano,
Logo a luta começaram.

A – Meu povo, faz muito tempo
Que não entro em cantoria,
Que cantei com Zé Pretinho
Já fez ano outro dia.
Agora vem Jaca Mole
Querendo tirar “forria”.

J. – Cego pra cantar contigo
Eu ando de prevenção.
Sou primo de Zé Pretinho
Tenho agora ocasião
De garantir minha fama
De cantador do sertão.

A. – Já notei por seu cantar
Que não será bom seu fim,
Cantador quando tem fama
Nunca dá começo assim,
Seu primo também foi duro
Por final fugiu de mim.

J. – Cego da cara de borra
Sustenta o sopro do fole,
Pra ver se aguenta o ronco
Do cantador Jaca Mole,
Vire cobra ou jacaré
Pois bicho nenhum me engole.

A. – Eu sou brando no cantar
Quando encontro educação,
Mas cantor da tua igualha
Se não der certa a lição,
Come fogo em minhas unhas
Apanha e não faz ação.

J. – Cego que canta comigo
Eu faço, à força, enxergar,
Já fiz ferro virar água,
E o Diabo, eu fiz, rezar.
Se duvidar eu lhe faço
De quatro pés rastejar.

A. – Jaca Mole, acho que um rio
É bem fácil de secar,
Um gato dar num cachorro
Ou, como tu, bodejar,
Mas o que acho impossível
É o cego velho apanhar!

J. – Três coisas que tem no mundo
Me causam indignação:
É um cego andar sem guia,
Sujeito com presunção,
Galinha fazer do milho
Uma massa de pirão.

A. – Eu também com muitas coisas
Não posso me conformar:
Com burro dizer que sabe,
Com preto querer teimar,
Feijão plantado cozido
Nascer, crescer, bajejar.

J. – Acabemos com a teima,
Não gosto de dar massada,
Você parece raposa
Quando está embriagada,
A sua rabeca parece
Casa velha escangalhada.

A. – Tu és como a siricora
Na beira duma lagoa,
És pior do que ticaca
Quando ataca uma pessoa,
Negro por mais que trabalhe
Nunca produz coisa boa.

J. – Já trabalhei na lavoura
Mas nisso não me dei bem,
Andei por todo o sertão
Sem juntar um só vintém,
Hoje em dia sou senhor
Não trabalho pra ninguém.

A. – Tu és muito preguiçoso,
Não procuras trabalhar,
Se queres ser meu cargueiro
Eu posso te contratar
Para montar em teu lombo
Quando eu quiser passear.

J. – Este cego só parece
Macaco quando se coça,
É mesmo que periquito
Quando entra numa roça,
Tempera limão com fel
E diz ainda que adoça.

A. – Às vezes quando me zango
O perigo se apresenta,
Não é qualquer cantador
Que o meu rojão aguenta,
Sendo fraco morre doido,
Sendo forte se arrebenta.

J. – Este cego é amarelo,
Parece um pinto pelado,
Seus ó'clos são dois pedaços
De vidro que achou quebrado,
Mesmo cego deste jeito
Quer ser bem conceituado.

A. – A jaca é fruta indigesta,
Não tem apreciação;
Mais vale um cego com honra
Do que um preto ladrão,
Eu sou cego, mas sou gente
Preto não tem distinção.

J. – O galo quando põe ovo
Já não pode mais prestar,
O cego quando se assanha
Tem vontade de apanhar,
Olha: eu não sou Zé Pretinho
Que não soube te ensinar.

A. – Remexea tua memória
Canta lá como quiser,
Procura rimas alheias,
Te veste até de mulher
Que sempre me achas pronto
Pelo lado que vier.

J. – Já vi um galo de chifre,
Vi girafa sem pescoço,
Vi lesma quebrar um osso
De uma queda que levou
Vi pulga dar numa onça
Transformá-la em geringonça
Passou-lhe a perna e montou.

A. – A pulga não dá na onça
Lesma nunca teve osso
Ver girafa sem pescoço
Não dá para acreditar.
Acho mais fácil a Lua
Queixar-se a Deus que está nua
Que um galo chifres criar.

J. – Atirado dentro d'água
Eu vi gelo pegar fogo,
Vi tartaruga voar
Junto com um pinto gogo,
Vi um macaco vaiando
Um frade que ia passando
Junto da mesa dum jogo.

A. – O gelo não pega fogo
E tartaruga não voa,
Macaco guincha, não vaia
Um frade não anda à toa,

Para acabar com seu fado
Eu vou jogá-lo amarrado
Nas águas duma lagoa.

J. – Vi uma pulga quebrar
Quarenta gingas de louça,
Um gato cair na poça
A água toda sumir.
Vi jacaré dizer missa,
Vi um sino de cortiça
Mais do que bronze tinir.

A. – Cortiça nunca que tine,
Jacaré é teu enredo
O gato d'água tem medo
Nunca pode se banhar,
A pulga não quebra louça
Você parece uma moça
Quando, à força, quer casar.

J. – Você em nada acredita
Só porque não pode ver,
Como é grande mentiroso
Me julga em seu parecer,
Porém não brinque comigo
Pois eu sou grande perigo
Que bota cego a correr.

A. – Eu só creio na verdade,
Não acredito em mentira
Pois não sou como você
Que disto produto tira
Olhe e veja como anda,
Pois se seu canto desanda
Meu canto o povo admira.

J. – Tu és um chato
De presunção
Dou-te um tapão
Que te achato,
Depois te ato

Com cabo fino,
Dou-te um ensino
Que bom pareça
Da tua cabeça
Eu faço um sino.

A. – Tu és um preto
Muito saliente,
És indecente
Intrometido
Dou um grunido
Num solavanco
Te faço um banco,
E sem desleixo
Eu do teu queixo
Faço um tamanco.

J. – Tu és cantor
De bira-bota,
És da derrota
Conhecedor,
O teu valor
É de um vintém,
Um descalabre
P'ra quem não sabe
Tu cantas bem.

A. – Tu tens inveja
Do meu cantar,
Tens que secar,
Tu te aleijas
E nunca alvejas
Com pontaria,
Ninguém daria
Tu como exemplo
Perdendo o tempo
Em cantoria.

J. – Eu sou cantor
De regra inteira,
Nesta ribeira
Tenho valor,

Sou professor
Muito temido
Sou conhecido
Tua fama acabo,
Cantor mais brabo
Não tem havido.

A. – A tua fama
Não tem valia,
Em cantoria
Tu comes lama,
Se eras grama
Vais ser gamela
O nó da goela
Quero cortá-lo,
És um cavalo,
Te boto a sela.

J. – O teu cantar
Só tu entendes,
O que pretendes
É bodejar,
Depois falar
Em voz de choro:
– Mas que agouro
Me aconteceu,
Jaca me deu
Foi muito couro.

A. – O Zé Pretinho
Que era duro
Viu-se em apuro
Pisando espinho,
Em desalinho
Saiu gritando,
Gente chamando
De brucutu,
Como urubu
Correu pulando.

J. – Tu mentes muito,

És fanfarrão,
E bombardão
Fora de assunto,
És um defunto
Que apodreceu,
O verso teu
Não tem mais rima
Sempre por cima
Quem vai sou eu.

A. – Agora mudo de assunto
Para ver se tu és bom,
Sustenta a nota no tom
Que pesado é meu conjunto,
Se cáíres eu te ajunto
Pois teu peso não tem tara,
Sustenta de rijo a vara
Que é verso de boa rima
“Não há quem cuspa pra cima
Que não lhe caia na cara”.

J. – Eu nunca errei cantoria
Pois minha nota é segura,
Quem é homem não faz jura,
Quem jura não tem valia,
Eu sustento a senhoria
Garanto tudo que fiz,
Certo é o ditado que diz,
Fala sem medo de errar:
“No copo que a boca entrar
Entra também o nariz”.

A. – Tudo que digo sustento
Não tem quem faça eu negar
Nem você pode privar
Do contrário eu lhe arrebento,
Esse seu pobre instrumento
Não vale pena de arara,
O meu, sim, é pedra rara,
É de aço até a prima,
“Não há quem cuspa pra cima

Que não lhe caia na cara”.

J. – No mato estás sem cachorro
Se nisto fores te fiar,
É mesmo que ir matar
E sair gritando: “Eu morro”!
Pedindo logo socorro
Como um ente infeliz
Ficas como chafariz
No tempo da água rara,
“Na vasilha que entra a cara
Entra também o nariz”.

A. – Eu já estou me azedando
Com a tua cantiga à toa,
Tua viola não soa
Todos estão censurando,
Muito mal estás cantando
Pois no mote você para,
O povo te mete a vara
Porque não segues a rima
“Não há quem cuspa pra cima
Que não lha caia na cara”.

J. – Quem gostar que coma muito,
Quem não gostar pouco coma,
Hoje tu morres danado,
Sou fera que não se doma,
Vou te fazer uma conta
Quero ver qual é a soma.

A. – Não pense que eu sou saguim
Para correr de careta,
Se tua mão não resistir
Na cumbuca não a meta,
Tu entras na bola branca
Eu saio na bola preta.

J. – Quinhentas jaçanãs mortas
Depois de mortas, peladas,
Seiscentas línguas de vacas

Todas limpas e salgadas,
Dadas por três réis a grama
Quais as somas apuradas?

Em pagamento da glória
Condecoraram o cego
Lhe colocando na história.

A. – Eu te darei a resposta
Se você me responder:
Quatrocentos rabanetes
Quantas folhas podem ter,
Um português com u'a negra
O que é que podem fazer?

Belém do Pará, 1920

J. – Desta pergunta que fez
Mas como me perguntou
Lhe peço para explicar
Pois hoje quero aprender
Para amanhã ensinar.

A. – A primeira foi deboche,
A segunda foi um breque,
A verdade conhecida
Abre e fecha como um leque,
–Português junto com preta
Só pode fazer moleque.

J. – Aderaldo, me desculpe
Mas eu não tenho outro jeito,
Dou por finda a cantoria
Pois tenho um grande defeito:
Sempre que canto demais
Me aparece dor no peito.

A. – É triste ver-se um cantor
Chocar-se como galinha,
Só me parece um azar
Ou por outra é sorte minha,
Me lembro de Zé Pretinho
Quando fugiu pra cozinha.

Aí todos acharam graça.
Deram pro cego a vitória,
Lhe deram muitos presentes.





Leitores, leiam este verso
E prestem bem atenção,
Analisem u'a peleja
Que se deu no meu sertão
C'o cantor Joca Menezes,
Uma forte discussão.

Estava o cego Aderaldo
Cantando na União,
Todo o povo da cidade
Lhe dava grande atenção
Quando Joca ao saber disso
Ficou cheio de ambição.

O Cego Aderaldo tendo
Regressado a Limoeiro,
Foi ver se por lá cantava
E ganhava algum dinheiro
Enquanto Joca previa
A queda do forasteiro.

Atentamente invejava
Toda noite e todo dia.
Em qualquer sala que estava
Com muito orgulho dizia;
Aonde eu encontrar o cego
Apanha ele e o guia.

Na União Joca disse:
Eu devo voltar daqui
O cego sabe de mim
Tratou de se escapular;
Qualquer dia ainda canto
Com ele em Aracati.

O cego voltando soube
Do Joca na União,
Que tinha lhe maltratado
Sem a menor precisão
E o que deixou de lembrança
Foi a má reputação.

O cego se preparou,
Montou-se logo a cavalo
Chegou em casa do Joca
Tratou de cumprimentá-lo.
O Joca lhe recebeu
E perguntou: - Com quem falo?

Eu sou o Cego Aderaldo
De quem você foi atrás
E disse na União
Que eu era um cego incapaz,
Estou na vossa presença
Agora veja o que faz.

Então Francisco Santana
Foi ao cego e lhe chamou
Levou-o para sua casa
Na sua sala o hospedou.
O Joca fez um contrato
Foi ao cego e o convidou.

Às sete horas da noite
O cego foi se chegando
Em casa de Jesuíno
O povo estava esperando.
Já o Joca de Menezes
Tava na sala cantando.

Uniram-se os cantadores
Naquele honrado salão.
O menino na rabeca
O cego em seu violão,
O Joca em sua viola
Entraram na discussão.

J. -Cego, hoje nesta sala
Precisa cantar com jeito
Eu aqui em minha terra
Sou quem conheço o direito
O cantor que vem de fora
Apanha e perde o conceito.

C. – Meu amigo, não precisa
No começo fazer guerra
Porque ando calmamente
Cantando na sua terra
Só ensino a quem não sabe
Só dou castigo a quem erra.

J. – O homem que ensina a outro
Não faz um repente assim
Sou homem para encará-lo
Do princípio até o fim
O cantor que aqui chegar
Tem de ser sujeito a mim.

C. – Em qualquer uma fração
Eu reconheço o conjunto
Não serei interrogado
Nem assim nada pergunto
Porém, cantando consigo
Discuto em qualquer assunto.

J. – Aderaldo, tenho assunto
Para cantar poesia
Sem lhe pedir homenagem
Que cego não auxilia
Você hoje só tem palmas
Do rabequista e do guia.

C. – Senhor Joca de Menezes
Eu cantando ganho palma
Tanto devido ao cantor
Como pela minha calma.
Você tem catorze faltas
Por isso perdeu a alma.

J. – Quais são as catorze faltas
Hoje eu desejo sabê-las
Se tenho não as conheço
Queira você descrevê-las
Me diga de uma a uma
Porque quero conhecê-las.

C. – Dizem que és orgulhoso
E vil e enganador,
Traíçoeiro e mentiroso
E tirano e sedutor
Enredeiro e pabuloso
Devasso e namorador.

J. – Quem te contou esta história
Tem a cara como a tua
Merece ser enforcado
Queimado no meio da rua
Morar aonde não veja
Nem uma réstia da lua.

C. – Se ficaste agravado
Também não me importarei,
Nunca fui em sua casa
Nunca sua porta cruzei
Porque se nunca o servi
Também nunca o ocupei.

J. – Eu também não te servia
Porque tu és traidor,
Vieste em minha casa
Com muita paz e amor
Agora na cantoria
Veio me chamar sedutor.

C. – Eu te chamei sedutor
Sujeito vil, amarelo
Se me quiser conhecer
Me esquite o carro em duelo
Toma cuidado, aleijado,
Que dou-te muito em martelo.

J. – Seu cantar me aborrece
Cego louco, sem juízo
Se quiser cantar comigo
Aprume bem o improviso;
Tu és um homem dormente
Que apanha fazendo riso.

C. – Tenho dado em bom cantor
Quanto mais num aleijado
Queres ser muito bonito
Tens um pé pregado errado.
Que beleza pode ter
Um homem desengonçado?

J. – Não ‘tamos tratando disso
Tenha mais educação.
Eu hoje te corto o lombo
No gume do meu facão,
Vamos cantar na gramática
Com toda pontuação.

C. – Como falaste em gramática
Então nela és muito ativo
Diga se pode explicar-me
O que é substantivo
Complemento e atributo
Verbo e apelativo.

J. – A palavra substantivo
Pelos modos regulares
É como duas mulheres
Ou dois homens populares,
Duas casas, duas luzes
É tudo que forma pares.

C. – Errou na primeira parte
Vou lhe falar positivo
Duas casas, duas luzes
Estão no apelativo
Então uma casa só
É que é substantivo.

J. – Como você me puniu
Com sua interrogação
Diga o que é atributo
Sem sair da oração
E esta palavra verbo
Quero dela explicação.

C. – O correto é escrevo-lhe
Não se diz vou escrever
Atributo é a ação
Atribuída ao dever
Esteve, estado e estudo
Nos explica o verbo ter.

J. – Esta obra que fizeste
Ficou um serviço puro
Agora, Cego Aderaldo
Previna bem seu futuro
Vamos entrar em duelo
No martelo é que sou duro

C. – Você cante, Joca,
Direito na sala
Você pela fala
Não me conte broca
Não quero é potoca
Sujeito enjembrado
Pé desconjuntado.
Olha o teu aleijo
Porque o meu desejo
É dar-te, aleijado.

J. – Me respeite, cego
Você me conheça:
Na sua cabeça
Eu coloco um prego
E depois eu pego
Dou-te um mochição
Te esfrego no chão
Te dou de bofete
Te rasgo o topete
E quebro o violão.

C. – Perna de aranha
Bacorinho andejo
Ô’i de caranguejo
Catingosa banha
Você hoje apanha

Pra não ser bandalho
Cara de cascalho
Boca de guariba
Você hoje arriba
Debaixo do malho.

J. – Cantador que eu pego
Fazendo buzina
Corre ou desatina
Doido, mudo e cego
Eu lhe descarrego
O peso do braço
Chicote de aço
E relho de arame
Você faz exame
Se acaba em pedaço.

C. – Barriga de cobra
Vaca de cabrunco
Lagoa sem junco
Couro cru sem dobra
Tua língua sobra
De dizer miséria
Faça a cousa séria
Se não se atrapalha
Tu és um canalha
Só sabe pilhéria.

J. – Grande confiança
Tenho em meu talento
Que neste momento
Meu braço descansa
A chicote dança
Em costa de gente.
Dou-lhe bolo quente
Em cima da mesa
Tenho a certeza
Deixá-lo doente.

C. – Você não dá bolo
Em cego como eu

Que eu grito: morreu
Cabra ruim e tolo!
Hoje eu faço um rolo
É grande o barulho
Digo com orgulho:
Não quero é potoca
Venham ver o Joca
Que está no embrulho.

J. – Eu sou vantajoso
Pela linha reta
Cantador poeta
Muito talentoso
Falo orgulhoso
A ninguém não nego
Cantador que eu pego
Chora e muda o som
Tenho dado em bom
Quanto mais num cego

C. – Esta tua lira
Não está completa
Nunca foi correta
Só fala mentira
Você sempre vira
Onde tem votado
É tão malcriado
Que ninguém repara
De apanhar na cara
Já vive cansado.

J. – A paralisia
Te deu nas canelas
Mofo nas costelas
E moléstia fria
Deu melancolia
Ar de congestão
Dor no coração
Seja teu proveito
Moléstia do peito
E constipação.

C. – És o meu rival
Ô'i de cascavel
Deus te dê por mel
A gota coral
Dê-te mais um mal
D'uma queimadeira
Moléstia ligeira
Que te ataca íngua
Caia a tua língua
Com a batedeira.

J. – Cego alienado
Vai beber iodo
Que tu és um doido
Amaldiçoado
Cego malcriado
Eu te quebro a testa
Você não protesta
Comigo falando
E estando cantando
Também nada presta.

C. – Barriga de campa
Beijo de gamela
Cara de izipela
Da perna de grampa
Cantador de rampa
Que só cão agreste
Você não se veste
Com suas cantigas
Porque faz intrigas
Traz no mundo a peste.

J. – Cantor iracundo
Eu te arrumo os molhos
Se te faltam olhos
Tu não vês o mundo
Estás moribundo
Sem teres conforto
Tens um lado torto
E a cabeça pensa

Devido à doença
Teu ar é de morto.

C. – Ontem me disseram
Que você roubou
Um cabo e pegou
U'a surra lhe deram
Eles já fizeram
Consigo uma graça,
Toda a sua raça
Juntaram de molhos
Tiraram-lhe os olhos
Encheram de massa.

J. – Homem lisonjeiro
Cantor sem vitória
A tua história
Está sem roteiro
És um companheiro
Muito rigoroso
Ente pabuloso
Eu já te abusei
Eu nunca roubei
Tu és mentiroso.

C. – Tu és um pedante
No lugar que pisa
Quem te simpatiza
Chama ignorante
És pobre imigrante
Digo à boca cheia
A tua ação feia
Bem merece u'a surra
Tu és como um burro
Numa roça alheia.

J. – Eu tenho talento
Muita faculdade
Afabilidade
E procedimento
Fundo pensamento

De gosto absínico
De grande furor
Porém, seu valor
É de um cantor cínico.

C. – A tua cabeleira
É grosseira e torta
Meu machado corta
Esta capoeira;
Cantador de feira.
Que vive de porre
Ninguém o socorre
Eu grito: morreu!
Cego corno eu
De medo não morre.

J. – És um atrevido
Cantor sem nobreza.
Deixa de afoiteza
Cego desvalido
Despersuadido
Pelos filhos teus
Da parte dos meus
Estás desprezado
Amaldiçoado
Da Casa de Deus.

C. – Tu só canta assim
Bom para apanhar
Não venhas pegar
Esse mal em mim,
Cantador ruim
Previna o futuro
Que é de teu apuro
Pra cantar mais eu
Eu grito: morreu!
Tu viras monturo.

J. – O povo está vendo
Esse cego treta
Medonha careta

Ao pobre fazendo
A corda batendo
A peia zunindo
O pau lhe cobrindo
O povo mangando
O cego chorando
E eu só me rindo.

C. – Boca de serpente
Ganha mas não leva
Atraíste a Eva
E hoje não se sente
Tua língua é quente
Já quase cansada
Amaldiçoada
Que eu serro no tronco
Morres dando um ronco
De morte apressada.

J. – Não lhe considero
Como cantador
Pois com o senhor
Em nada prospero
De ti só espero
Grande novidade:
A infelicidade
Que você carrega
Muitas vezes pega
Na humanidade.

C – Tu andas cantando
Mas não cantas nada
Feia madrugada
Ouvi-te rinchando
E também falando
Só da vida alheia
És cabra de peia
E não cantador
Meu chiqueirador
Vou dar-te por ceia.

J. – Estás sem ação
Para a poesia
Tua cantoria
Não tem vibração
Aqui no salão.
Eu já não te escuto
Porque és matuto
No direito eu pego
E com cantor cego
Morro e não discuto.

C. – Sujeito aleijado,
Tu só ganhas rixa
Feito lagartixa
É que tens passado
Comprando fiado
Com os ô'i de lago
Tens sofrido vago
Feito os infelizes.
Na taberna dizes:
– Amanhã eu pago.

J. – Aderaldo, agora vamos
Cantar em regra de seis
Que eu estou habilitado
E mesmo tenho altivez
Martelo não quero mais
Que parte da estupidez.

C. – Se queres cantar sextilha
Faça o verso e dê o tema
Também sei que em martelo
Não é bonito o problema
Só quis mostrar-lhe o talento
Que tenho no meu poema.

J. – Amigo, cego Aderaldo,
Represente o seu mister
O senhor pode cantar
Da maneira que quiser
Que eu também lhe dou resposta

Da maneira que souber.

C. – O homem que canta tem
Uma tese em poesia
Eleva tua palavra
Na alta categoria
Quero que você me explique
O que é Geografia.

J. – Não canto Geografia
Apenas sou repentista
Canta para eu ouvir
Se você é fabulista
Eu acho muito custoso
um cego ser cientista.

C. – A Geografia é um
Poema dos conhecimentos
Que trata da descrição
Da Terra em seus movimentos
Com vários pontos de vista
E outros regulamentos.

C - Geografia se divide
Só em três partes gerais,
De duas palavras gregas
Descrevendo os materiais:
Física e Astronomia
São as partes principais.

C - Geografia astronômica
É que dá definições
Da Terra como planeta
Sobre suas relações
De achar-se com o Sol
E outras comparações.

Nesse momento o salão
Estava silencioso
O povo com Aderaldo
Falava em tom garboso

Dando-lhe mil parabéns
Por ser o vitorioso!

Então Joca de Menezes
Insatisfeito dizia:
Vou morar em Fortaleza
E estudar Geografia,
E prometo que ainda pego
O Cego Aderaldo um dia.





Eu saí do Ceará
Deixei meu triste mocambo,
Com medo do dezenove,
Este pesadelo bambo.
Vinha o coronel Monturo
Junto com doutor Molambo...

Eu parti para São Brás,
Para casa de Gaudêncio
Que já conhecia bem,
Ele, Salina e Merêncio;
Junto com estes amigos
Não pude guardar silêncio.

A dona Fome na frente,
Na cadeira do trapiche,
Dizendo: No Ceará
Tudo é fofo e nada é fixe.
Juro que aqui nesta terra
Não vinga mais nem maxixe.

Fui para Madre de Deus,
Terra de um povo fiel,
Ali ganhei qualquer coisa
Tomei açaí com mel,
De manhã peguei o trem
Fui para Santa Isabel.

A dona Fome assentada,
Fazendo um maldito riso,
Dizendo: – No Ceará,
Eu só vim dá prejuízo,
Vinha o coronel quebrado
E o major de bolso liso.

Depois, fui pra Americana,
Cantei lá no Apeú,
Do sítio de São Luís
Eu fui pra Jambuaçu;
Eu cantei no Castanhal,
E no Igarapeçu.

A dona Fome me olhou
E disse a mim: – Eu te pego!
Eu lhe disse: – Não senhora!
Eu sei por onde navego,
Quem tem vista corre logo,
Quanto mais eu sendo cego.

No primeiro Caripi
Eu cantei, lá fui feliz,
No segundo Caripi
Cantei tudo quanto quis,
E ali tomei o trem,
Fui cantar em São Luís.

Segui para Fortaleza,
Dei uma viagem além.
O barco era o “Maranhão”,
Ele até corria bem,
Com três dias e três noites
Chegamos nós em Belém.

Ali chegou um convite,
Bem cedinho de manhã,
Para cantar no Burrinho,
Depois no Açaí Teuã.
Fui cantar no Peixe-Boi
Depois no Timboteuã.

Quando eu cheguei em Belém,
Me encostei naquele cais.
– Aonde vai esta linha?
Eu perguntei a um rapaz
Ele disse: – Nesta linha
Passa um trem para São Brás.

Segui para Capanema,
Com coragem e esperança,
Passei uns dois ou três dias,
E segui para Bragança,
Dizendo sempre comigo,
Quem espera em Deus, não cansa.

Quando eu cheguei em Bragança,
Não quis ir no Benjamim,
Não encontrando hospedagem,
Me hospedei num botequim,
Que era coberto a cavaco
E circulado a capim.

O dono do botequim
Veio a mim e perguntou:
– Cego, de onde tu és?
Me diga se é cantador.
Me diga se não tens medo
De Azuplim trovador.

Eu perguntei: – Meu senhor!
Será algum rio-grandense
Ou mesmo um paraibano,
Ou um cantor cearense?
Ele disse: – Não senhor,
É um cantor paraense.

Quando findei a palavra
Vi o paraense chegar,
Ele trazia consigo
Uma viola e um ganzá,
E trazia um tamborim,
Que é instrumento de lá.

Ele afinou a viola,
Quando bateu no ganzá,
Deu um tom no tamborim
Para o baião entoar,
Eu tirei a rabequinha
E fiz a prima chorar.

(Cego Aderaldo – C)

Eu lhe disse: – Oh! paraense,
És uma ninfa de fada,
Teu cântico me parece
A deusa da madrugada.

Eu lhe peço, amicíssimo,
Que cante a sua toada.

(Azuplim A)

A – Cego, minha toada é,
Um trabalho garantido.
Você pra cantar mais eu
Precisa ser aprendido,
Queira Deus tu me acompanhes,
ai, ai!
Pra cantar nesse gemido, ai, ai!

C – Meu amigo, o teu gemido,
Tem destacado valor,
Canta bem perfeitamente,
Já vi que és um bom cantor,
Mas amigo, esse gemido,
Me desculpe, que eu não dou.

A – Se num dás um só gemido
Também não és cantador,
Vá cobrar logo o dinheiro.
Do mestre que te ensinou,
Quando nada no gemido, ai, ai!
O cego já apanhou.

C – Se gemer for cantoria
Você é bom cantador,
Pois gemes perfeitamente,
No gemido tens valor,
Mas o povo cearense
Só geme com grande dor.

A – Ou que gema ou que não gema,
A boa palavra encerra,
Cego, cante aqui mais eu,
Que eu vim lhe fazer guerra,
Quero que você me diga, ai, ai!
A linguagem da minha terra.

C – A linguagem da tua terra,
Não é linguagem mesquinha,
É toda no guarani
Estudada, é bonitinha!
Por que não me perguntaste
A língua da terra minha?

C – No Piauí tem um besouro
De nome tiranabóia,
Nossa cobra-de-veado
Cresce aqui, chamam jibóia,
Em mi'a terra almoço e janto,
Tando aqui só 'pego a bóia'.

A – Quero que diga é da minha
Por que muda de figura.
Cego, diga para mim
O que nós chama mucura,
Quero que você me diga, ai, ai!
O que é a saracura.

A – Cego, diga para mim
O que é a sacupema,
Veja se você me diz
O que é a piracema,
Diga aí rapidamente, ai, ai!
O que chamamos panema.

C – É verdade, essa linguagem
Muda mesmo de figura,
O que nós chama cassaco
Vocês só chamam mucura
E à nossa sericóia
Vocês chamam saracura.

C – O que chamamos raiz
Vocês chamam sacupema,
Já quando tem muito peixe
Vocês chamam piracema,
A um sujeito preguiçoso
Chega aqui chamam panema...

A – Cego, diga para mim:
O que é o jamaru?
Queira Deus você me diga
O que é jacurarú,
O que é macuracá, ai, ai!
E o que chamamos jambu.

A – Cego, diga para mim
A língua tupinambá,
A língua dos Aimoré,
Ou dos índios Caeté,
Ou sobre os índios Tamoio,
Ou índios Tamaracá.

C – O que chamamos cabeça,
Vocês chamam jamaru.
O que chamamos de tejo
Vocês, de jacurarú,
Tipi é mucuracá
E agrião chamam jambu.

C – Sobre as gírias dos índios,
Desde o Norte até o Sul,
Pixueira é coisa fria,
Um beijo chamam meiru,
Tacioca é uma casa,
Morada de caititu.

A – Cego, diga então pra mim.
O que chamamos jibóia.
Quero também que me diga
O que é tiranabóia,
Diga aí pra eu saber, ai, ai!
O que é 'pegando a bóia'.

A – Agora o cego Aderaldo
Me respondeu muito bem,
Vi que nas gírias dos índios,
Ele segue mais além,
Pelo jeito que estou vendo,
Você é índio também.

C – Meu amigo eu não sou índio,
Nasci num pobre lugar:
Que é tão propenso à seca
Que obriga a gente imigrar,
Sol danado de Iracema,
Terra de Zé de Alencar.

A – Cego, deixa de mentira,
Tua terra não tem nome,
Tua terra é u'a miséria,
É lugar que não se come.
De lá vieram cinco mil,
Tudo pra morrer de fome.

C – Dos cinco mil que vieram
Algun era meu parente,
Um era tio, outro primo,
Conterrâneo ou aderente,
Mas esse povo só come
Massa de “figo” de gente.

A – Saí dai; cego canalha,
Com a sua poesia,
Nessa minha cantoria
Você hoje se esbandalha,
Teu cantar tem grande falha,
Quer soltar, mas não convém.
Você somente o que vem
É entrar no bacalhau.
Apanhar de peia e pau
Cearense aqui não vai bem.

C – De onde tu vens contrafeito,
Cabeça de onça macho,
Bote o matulão abaixo
E conte a história direito,
Me diga o que aqui tem feito
Por estes mundos além,
Se você matou alguém
Ou então se fez barulho,
Vai muito mau seu embrulho,

Paraense aqui não vai bem.

A – Quando eu pego um cantador
Dou u'a tacada danada,
Lhe deixo c'a cara inchada,
De relho e chiquerador,
É o café que lhe dou,
É isto que lhe convém.
E não diz nada a ninguém,
Apanha e fica calado,
Triste e desmoralizado,
Cearense aqui não vai bem.

C – Disse uma velha na rua
Que em outros tempos atrás
Você mais um seu rapaz
Lhe roubaram u'a perua,
Veja que moda esta sua,
Roubando quem vai, quem vem,
Como tu não tem ninguém
Mais ladrão do que você.
Tome lá meu parecer:
Paraense aqui não vai bem.

A – O cantador que eu pegar
Pelo meio, de travessa
Nem padre não lhe confessa
Enquanto eu não lhe soltar,
Dou-lhe arrocho de quebrar
Osso e costela também,
Quebro tudo que ele tem
Deixo-lhe o corpo em bagaço,
Tudo quanto eu digo eu faço,
Cearense aqui não vai bem.

C – Até as moças donzelas
Me pediram lá na feira
Para meter-lhe a madeira
E arrebentar-lhe as costelas.
Você abra o olho com elas,
Boa surra você tem,

Qualquer dia também vem
A velhinha da perua
Quebrar-lhe a cara na rua,
Paraense aqui não vai bem.

A - Também não quero brigar,
Não sou homem de intriga,
Eu não nasci para briga
E não vivo a pelejar.
Também não quero teimar,
Porque isto não convém,
Lhe venero e quero bem,
Digo isto pode crer,
Não quero lhe aborrecer,
Cearense aqui vai bem.

C - Amigo, como mudou,
Que coisa misteriosa!
Tens o perfume da rosa
Que há pouco desabrochou.
Por isto tem mais verdor
Do que lá no bosque tem.
O anjo lá de Belém
OuvIU nossa cantoria,
Entramos em harmonia,
Paraense aqui vai bem.

Havia aqui quatro cervejas
Que um coronel apostou
Dizendo que todas quatro
Pertencem ao vencedor
Vamos beber as cervejas
Nem um nem outro apanhou.

Bragança (Pará), junho de
1919



1878 - No Crato, em 24 de junho, nasce Aderaldo Ferreira de Araújo, o Cego Aderaldo, filho de Joaquim Rufino de Araújo e Maria Olímpio de Araújo.

1879 - Joaquim Rufino e a família retiram-se em demanda de Fortaleza, por conta da seca de 1877. Termina ficando em Quixadá, onde o governo construíra um abrigo para retirantes.

1880 - Joaquim Rufino de Araújo adoece gravemente, permanecendo daí por diante, aleijado, quase mudo, falando com dificuldade.

1896 - Aos dezoito anos de idade, Cego Aderaldo perde a visão, e seu pai falece. Ele sonha que São Francisco lhe ensina poesia e canções. No mesmo ano, o cinema chega ao Brasil, com a primeira exibição na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro.

1901 - Reginaldo Pereira de Araújo, irmão de Cego Aderaldo, vai para a Amazônia em busca de melhores condições de vida.

1906 - Faz cantorias pelo sertão e chega até Fortaleza.

1908 - Longa temporada do Cego Aderaldo em Recife, onde faz cantorias.

1915 - Grande seca em todo o Nordeste. Primeira viagem do Cego Aderaldo à Amazônia. Faria a segunda viagem à Amazônia em 1919, quando, na volta, traz consigo uma criança índia que chama de Antônio.

1917 - Publica a primeira edição do folheto A Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, na Livraria Barata, no Piauí.

1924 - Primeiro encontro de Cego Aderaldo com Lampião. O segundo encontro se daria dois anos depois.

1933 - Cego Aderaldo exhibe filmes mudos no sertão nordestino com um projetor Pathé Baby.

1942 - Durante curto período de tempo, sem muito sucesso, Cego Aderaldo mantém um pequeno comércio em Fortaleza. Passa a residir no Jangada Clube, cortesia do industrial Fernando Pinto.

1948 - Encontro de Cego Aderaldo com Luiz Gonzaga e Zé Dantas, em Recife. Encontra também na capital pernambucana com o escritor Ariano Suassuna.

1949 - Acompanhado de Rogaciano Leite, Cego Aderaldo viaja para a Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, apresentando-se com o filho, Mário Aderaldo, e Domingos Fonseca, nas redações dos principais jornais de cada cidade, residências de políticos e programas de rádio. No Rio de Janeiro, encontro com o maestro Guerra Peixe. Interessado no estudo do toque da rabeca, o maestro hospeda o cantador em sua casa durante quatro meses.

1954 - Tendo perdido seus animais de carga na seca de 1953, Cego Aderaldo dá início a uma campanha para comprar um “jeep” e continuar exibindo filmes pelo sertão. Luiz Gonzaga, o rei do baião, de passagem por Fortaleza, arrecada donativos em uma de suas apresentações.

1955 - Um incêndio destrói o quarto dos fundos da casa de Cego Aderaldo, onde ele aguardava o projetor, os filmes, livros e arquivos pessoais.

1960 - O Presidente da República Juscelino Kubitschek, por decreto publicado no Diário Oficial de 12 de abril, através da lei 3749, concede pensão de cinco mil cruzeiros ao Cego Aderaldo.

1963 - A escritora cearense Rachel de Queiroz publica em O Cruzeiro, o texto “As memórias do Cego Aderaldo”, sobre o lançamento do livro Eu sou o Cego Aderaldo.

1965 - Realiza-se no Teatro Opinião, no Rio de Janeiro, o “Show Opinião”, espetáculo musical sob a direção de Augusto Boal, com participação de Nara Leão, João do Vale e Zé Kéti. No repertório, a composição “Desafio”, com alguns dos versos da peleja entre o Cego Aderaldo e Zé Pretinho.

1966 - Às vinte e três horas e quinze minutos, do dia 29 de junho, falece Cego Aderaldo na Casa de Saúde Eduardo Salgado em Fortaleza.

1969 - O violonista Baden Powell grava a música Cego

Aderaldo, de sua autoria, no LP Baden 27 horas de estúdio.

1981 - No dia 5 de agosto, em Quixadá, é inaugurada uma estátua de 4 metros do Cego Aderaldo por iniciativa do historiador e cantador Alberto Porfírio. A solenidade contou com a presença de várias autoridades locais e de cantadores vindos de todo o Nordeste.

1986 - O Museu Histórico de Quixadá reserva sala ao cantador cearense Cego Aderaldo, com acervo doado por Mário Aderaldo.

2012 - No dia 03 de junho, no Teatro José de Alencar, em sessão especial do 22º Cine Ceará, lançamento do filme “Cego Aderaldo - O Cantador e o Mito”, do cineasta Rosemberg Cariry.

2017 - Inauguração da Casa de Saberes Cego Aderaldo, sendo inaugurada pelo Governador Camilo Santana e o Secretário de Cultura do Estado do Ceará, Fabiano dos Santos Piúba, no dia 09 de dezembro de 2017, na cidade de Quixadá-CE. Publicação do livro Cego Aderaldo: o homem, o poeta e o mito de Rosemberg Cariry.